

Digitized by the Internet Archive  
in 2018 with funding from  
Princeton Theological Seminary Library



# Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :  
CAIRBAR SCHUTEL

(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON

NOV 15 2006

THEOLOGICAL SEMINARY

## SUMÁRIO

31 de Março

José da Costa Filho

Jesus e os Essênios

Palmelo (A Cidade Espiritual)

Ramatís e a Ciência

Ao saudoso João Leão Pitta

ÁLCOOL, este Destruidor

A Continuidade da Vida de-  
pois da Morte

Sabia que era assim ?

Oração pronunciada no Cente-  
nário de «O Livro dos Espíritos»

Memórias de um Espírita Baiano

E Agora, Senhores Teólogos ?...

Considerações da Ética Social

Medicina e Moral

Crônica Estrangeira

Espiritismo no Brasil

Necrologia



José da Costa Filho





## O Espírito do Cristianismo

---

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.\$ 76,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

# Uma Grande Vida

---

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.\$ 50,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

---

## Médiuns e Mediunidades



Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinamentos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr\$.20,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.



# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo*

REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 — Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

## 31 de Março



ALLAN KARDEC, o vulto que abalou e vem abalando os meios religiosos, filosóficos e científicos, vê, lá do alto de sua glória, o aproximar-se de mais um aniversário do seu passamento, pois o Mestre querido desencarnou em 31 de Março, com a idade de 65 anos.

Para os espíritas é uma das maiores datas que merecem o seu culto de veneração e amor, pois, graças a este membro proeminente da Falange Celestial, tiveram a grande ventura de alcançar o pórtico da Verdade em demanda da suprema felicidade, que está subordinada à Perfeição espiritual. Sòmente os espíritas é que prestam grandes homenagens a Allan Kardec, nêsse dia. Mas não está longe o dia em que a humanidade em peso renderá ingualmente as suas homenagens ao excelso missionário a exemplo do que vem fazendo ao nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo. E dizemos isto plenamente confiantes

nas determinações de Deus, cujas leis sábias visam o aperfeiçoamento de tôdas as criaturas através da evolução, que tem como motor a reencarnação.

Se não fôra Allan Kardec, os que hoje têm a felicidade de serem espíritas, continuariam a palmilhar a estrada da ignorância, como vêm fazendo os que não querem professar esta grandiosa doutrina que é o Espiritismo. O



Allan Kardec

Cristianismo, a seu turno, continuaria incompreendido e ainda sob o alqueire de interêsses inconfessáveis, a servir de capa para encobrir a mentira. Mas prevendo isso, Jesus prometeu a vinda do Paracleto para lembrar tôdas as cousas. E o Paracleto aí está ensinando tô-



das as cousas e restabelecendo o espírito do Cristianismo. O Paracleto é o Espiritismo, ambos os nomes designam uma mesma Falange, outrora conhecida como Milícia Celestial, aquela mesma Milícia que apareceu aos pastores quando do nascimento de Jesus.

À medida que o tempo avançar, mais venerado e amado será Allan Kardec, porque a evolução da alma é um fato já fora de dúvidas. Em cada coração erguerá êle uma cátedra a serviço de Deus,

nosso Pai Celestial. Então haverá um só rebanho e um só pastor, como afirmou Jesus.

Ao ensejo de mais um aniversário do passamento de Allan Kardec, queremos render ao excelso Mestre, nestas pálidas linhas, num culto de grande veneração e amor, as nossas mais sinceras homenagens, solicitando-lhe que nos ajude no trabalho da seara através daqueles espíritos amigos que obedecem as suas ordens.

## © JOSÉ DA COSTA FILHO ©

O Espiritismo, ultimamente, vem sofrendo visíveis claros em suas fileiras, com a partida, para a pátria espiritual, de verdadeiros combatentes do «bom combate», — pela doutrina do Mestre.

Não há muito, já registramos, por estas mesmas colunas, a partida de abnegados e sinceros companheiros, aqui deixando sensíveis vácuos, entre os quais podemos citar: — J. B. Chagas, que ilustrava as nossas publicações com colaborações que eram uma verdadeira preciosidade; Max Kohleisen, igualmente outro grande batalhador da 3.<sup>a</sup> Revelação; Dr. Souza Ribeiro, polemista exímio, que em prol da Doutrina, não mediu sacrifícios empregando o melhor de seus esforços; João Leão Pitta, o mágico da palavra, que, esmiuçando os textos evangélicos, empolgava multidões; Leopoldo Machado, o denodado batalhador, nosso querido colaborador, que, pela palavra falada e escrita, disseminou e pregou o

Espiritismo pelo Brasil todo, de norte a sul.

Hoje, então, comovidos, temos a registrar a partida, para a Pátria Espiritual, a 5 de fevereiro, do nosso querido e quiçá insubstituível companheiro de redação e Diretor, José da Costa Filho.

A lacuna aberta nas fileiras espíritas, notadamente no nosso meio, pelo grande companheiro, causou uma emoção fora do comum. Se bem que de há muito o nosso querido companheiro não gozasse de boa saúde, não esperávamos um desenlace tão próximo.

Mas, o inevitável aconteceu, e êle partiu, aqui nos deixando saudosos de sua presença amiga.

O «seu» Juca como o tratávamos na intimidade, era a nossa bússola, o nosso timoneiro, o nosso guia, o nosso orientador. Qualquer dificuldade que aqui surgisse, quer fosse referente à Revista, quer ao «O Clarim», ou em outros assuntos, êle dava logo ple-

na e cabal solução. Pois que possuía, dada a sua inegalável bondade de coração, solução justa para todos os problemas, inspirado sempre pelos Bons Espíritos.

Apesar de residir em Matão por mais de trinta e dois anos, José da Costa Filho aqui era quasi que um desconhecido. Retraído, modesto, jamais alguém o vira em diversões, fossem elas de qualquer modalidade.

Preferia o sossêgo do lar, e aí, então, enquanto descansava, — carregava pedras, — como diz o ditado, elaborando artigos doutrinários para a Revista e e «O Clarim», ideal este que era e sempre foi sua maior preocupação.

E outras tantas vezes, então, sózinho no Salão do Centro, em silêncio, concentrado, recebia, mediunicamente, aquelas pequeninas Coletâneas, verdadeiras gotas de água da vida, que se tornavam em transbordante manancial, satisfa-



zendo a todos áqueles que nas páginas de «O Clarim» bebiam-na.

E era assim tão pequeno, êste nosso tão grande companheiro — que acaba de nos deixar! Era assim tão humilde êste iluminado espírito que se alou para a Pátria Espiritual.

Logo que correu pela ci-

mero de pessoas velou os seus despojos.

Antes de sair o cortejo para a necrópole, fez uso da palavra o Dr. Luiz Barbosa Filho, de Taquaritinga, que dirigiu sentidas palavras, não aos presentes, mas sim ao Juca, agradecendo-lhe os serviços por êle prestados à seara espí-

8,30 do dia 6, com grande acompanhamento. Antes de baixar o corpo à sepultura, fez uso da palavra o confrade José Dias, em seu nome, e em nome da família espírita de Rio Claro.

A palavra do confrade José Dias foi uma verdadeira oração espiritual, que comoveu, sensivelmente, a todos os presentes, que não puderam conter as lágrimas.

—  
José da Costa Filho encerrou sua jornada terrena aos 61 anos de idade, tendo nascido a 17 de Dezembro de 1896, em Araraquara.

Era casado com d. Maria Teixeira Costa, de cujo consórcio deixa os seguintes filhos: Nabor Costa, residente em S. Paulo; Prof. Ivan Costa, secretário da Prefeitura, desta cidade; Prof.a Edméa Costa, casada com o sr. Carlos de Oliveira Penteadado, residentes em S. Paulo; Prof. Tales Costa e Wladimir Costa. Deixa dois netos: Carlos e Maria Alice.

—  
José da Costa Filho era irmão (gêmeo) do sr. Bento Costa, casado com d. Concheta T. Costa; da sra. d. Emilia da Costa Abreu, casada com o sr. José de Moura Abreu; do sr. Joaquim da Costa, casado com d. Natalina Stela da Costa; e dos srs. Sebastião e João da Costa, solteiros.

Foram seus pais, José da Costa e Augusta de Lima Costa, portugueses de origem.

—  
Em 30 de janeiro de 1938, Cairbar Schutel deixava seu despojos mortais para regressar à Vida Espiritual.

Antes porém, de soltar o seu último alento, disse:



José da Costa Filho

dade a notícia do seu passamento, um incalculável número de pessoas, — homens, senhoras, senhoritas e até crianças, — acorreram à sua residência, afim de apresentar condolências aos seus familiares.

O dia inteiro, durante a noite e no dia seguinte, até à hora do saimento do seu corpo, o mesmo elevado nú-

ta e desejando, ao seu espírito, feliz ingresso no reino espiritual. A seguir, pediu a todos os presentes que, em silêncio, cada um a seu modo, intimamente, fizesse uma prece em favor daquele que acabava de deixar êste plano material.

—  
O sepultamento do seu corpo material se deu às



«Vou partir, mas satisfeito, porque já tenho um substituto». E esse substituto, outro não era senão o nosso querido e saudoso companheiro, José da Costa Filho, que dia 5 d'êste, também nos deixou órfãos — órfãos da sua companhia, da sua bondade, da sinceridade nos seus atos, da capacidade da sua orientação, da bondade do seu coração para conosco, para com sua espôsa, para com seus filhos, em suma, para com todos que lhe eram próximos e distantes.

Caro Juca: Você partiu, e daí onde você se acha, deve estar vendo a nossa dificuldade, deve estar sentindo pulsar o nosso coração já tão saudoso, em tão poucos dias de separação. Ajude-nos, na medida do possível, a enfrentar as dificuldades que certamente nos surgirão pela frente, daqui para diante!

Nós queríamos que você nunca partisse, mas seria

maldade nossa querer tê-lo aqui, sofrendo tanto, como você sofria.

Seja feliz, muito feliz na sua nova morada, e aceite o nosso ósculo de gratidão e de saudade.

Que o Senhor dos Mundos o receba em seu Reino e o recompense pelo muito que você fez aqui na terra, em prol da espiritualização de seus semelhantes.

Pessoalmente vieram nos apresentar seus sentimentos de solidariedade os seguintes confrades, srs. Pedro e Francisco Volpe, de Jaboticabal; Dr. Luiz Barbosa Filho, Salvador Arnoni e Reinaldo Morano, de Taquaritinga; Alexandre Barbosa, Rafael Medina, Antonino Rodrigues Leal, Domingos de Marzo e Dorival Couto, de Araraquara; Alfredo Pagliarini, da Capital, e José Dias, de Rio Claro.

Por motivo do passamento, do seu querido Diretor

José da Costa Filho, a Redação de «O Clarim» recebeu telegramas de solidariedade das seguintes pessoas; Pedro de Camargo (Vinicius), de São Paulo; Dr. Bianor de Medeiros, de Olimpia; Benedito Gonçalves do Nascimento, de Campinas; Onofre José Batista, Cesar Bianchi, Dr. Gil Perche de Menezes, de Itapira; Dr. Francisco Klors Werneck, do Rio de Janeiro; Valeria e Adelino Grilo, de Porto Feliz; José Pessoa Pires, de Ribeirão Bonito.

Por Cartas: Ismael Gomes Braga e Deolindo Amorim, do Rio de Janeiro; dos Diretores da União Federativa Espírita Paulista e da Radio Progresso, da Capital; Juvenal Siqueira Santos, de Campinas; Vicente S. Neto, da Capital; Cicero Pimentel, de Santo André; D. Laurinha dos Santos Alburquerque, de Sorocaba; D. Cyra de Oliveira, de Americana; V. O. Casella, de Araraquara; Dante Ferrioli, de Marília.

## Jesus e os Essênios

O essenismo, ou profetismo organizado, começou com o grande Patriarca Henoch, o missionário que, além Dilúvio, viajando pela Índia longínqua, por ordem de seu Gênio Tutelar, penetrou nos muito recatados Cenáculos Iniciáticos, absorvendo a Ciência dos Mistérios, trazendo-a a seguir para as chamadas Terras do Meio Dia, que é o Médio Oriente.

Seu trabalho vicejou, ganhou nomes os mais diferentes, mas a Chave da Verdade sempre se revelou a mesma: a Kabala ou Essenismo, a Ciência Secreta Egípcia, o Culto de Apólo, a Renovação Órfica, o Sibilismo, o Culto das Vestais; tudo isso e mais suas múltiplas

ramificações, mais não foram do que efeitos do imenso trabalho de Henoch, trazendo para o Médio Oriente o Vedismo Antigo, a Iniciação Fundamental.

Se alguém quiser sondar, encontrará os trinta e quatro Budas em franca infusão com os quatro Vedas. E o Documento Fundamental, a Raiz da Sabedoria, sempre esteve com os Dez Mandamentos da Lei de Deus. Porque a Lei de Deus, nos Templos Iniciáticos da Índia, não tem tempo reconhecido, não tem data de conhecimento, é legendária, vem dos primórdios búdicos. E a Lei de Deus tem três sentidos, contém as três virtudes iniciáticas fundamentais, que são a MORAL, o AMOR e a REVELAÇÃO. Desta



Chave da Verdade, tudo partia! A esta Chave, tudo retornava!

Basta um relance de vistas pelos três grandes codificadores da Sabedoria Antiga: Manu, Moisés e Pitágoras, para se ver a Lei de Deus esplender como Centro e Fôrça de todo o Poder Iniciático. Sem MORAL, sem AMOR e sem REVELAÇÃO, tudo estaria baldado em matéria de harmonia e dignidade, sublimidade e divinização, advertência, ilustração e consôlo!

E os tempos foram transcorrendo, enquanto que os Profetas de tôdas as Escolas Esotéricas foram anunciando a vinda do Celeste Ungido; Êle viria e transformaria a REVELAÇÃO em herdade pública! Êle traria a Graça e a Verdade para tôda a carne, para todos os filhos do Pai Divino! Êle sairia do Seio da Iniciação, armado com as armas do Espírito Sem Medida, para entregar de casa em casa e de porta em porta os proventos benditos do mais acendrado e divino mediunismo!

Aos doze anos o Celeste Ungido fôra recolhido ao Cenáculo Essênio que se situava às margens do Mar Morto; devia ter um lugar apropriado onde passar os dias, onde se despertar intimamente, até que viesse a Ordem de Ação. Ali foi que se fizeram as primeiras demonstrações do tremendo potencial teúrgico do Enviado; foram êles, os últimos representantes do Profetismo Hebreu, aquêles que primeiro viram a Glória do Senhor, através do Divino Enviado, Da-quele que ficaria para sempre como Divino Modelo, como Ponto de Referência a ser atingido!

A Ordem de Ação veio e o Precursor, o Elias que devia vir, saiu em cumprimento de sua tarefa, aplainando o Caminho do Senhor, anunciando a Sua chegada. Porque o Cristo estava sendo esperado, havia mais de trinta e cinco séculos!

Enquanto João Batista anunciava a necessidade de arrependimento, a preparação para receberem as gentes a Graça e a Verdade através de Jesus, lá no Cenáculo estavam sendo preparados setenta e dois homens, a Corôa Profética, agora diremos Mediúnica, com que Êle contaria, para obrar os fenômenos menos sublimes, aquêles mais tangentes, mais grosseiros, além de Lhe constitui-

rem a necessária guarda material, enquanto não chegasse a hora final.

Vinda a Ordem de Ação, surgem êles no seio do povo, indo em busca do que batizava em água, preparando assim o Caminho, para Aquêle que batizaria em REVELAÇÃO. E na hora precisa, ao entrar Jesus nas águas do rio lendário, falaram do Mundo Espiritual os espíritos ou anjos, as legiões que seriam a proteção espiritual de Jesus, enquanto não chegasse a hora final, a hora em que o mundo aparentemente triunfaria sôbre o Céu.

A seguir, João diminui e Jesus aumenta! O Máximo Servidor do Pai escolhe, de entre os setenta e dois, os doze com que fazer honra às Doze Tribus de Israel, no esforço de reuni-las através do Seu batismo de espírito. E não mais tiveram descanso, porque enquanto preparavam terreno para o Pentecoste, para a entrega às gentes do Divino Legado da Graça e da Verdade, ficaram entregando graças e verdades de casa em casa e de porta em porta! Nunca vira o mundo antes, tanta expoença, tanto esplendor celestial! Apesar de nem sempre bem registrados, mesmo que tendo sofrido adulterações, os quatro Evangelhos e as Cartas Apostolares guardam os feitos poderosos do Cristo, feitos que, de tão estuantes, ainda fazem duvidar aos que pouco ou nada sabem das fôrças do espírito e das leis mediúnicas.

Quando Israel inteiro vibrava em seus prós e contras; quando a ação do Celeste Ungido fazia vibrar tôdas as mentes, chega a hora final do Cristo-Homem, para que o Homem-Cristo revele o Seu triunfo sôbre a Morte e cumpra a Celeste Promessa do derrame de espírito sôbre a carne. Jesus é prêso e crucificado perante o mundo, enquanto que o mesmo Jesus é libertado e glorificado no Seio do Pai Divino!

Na face da Terra se dividem as criaturas, entre as que choram o amargo pranto da separação e as que gozam o triunfo bestial! Nas esferas de Luz, Glória e Poder, todos festejam o Divino Triunfo! Nunca mais, bradam as legiões angélicas, o Mal, o príncipe do mundo terá descanso! Poderão as gentes ruins pretender baldar os desígnios do Céu; mas lá virão os dias de repressão, os trabalhos de reposição das coisas no lugar, de restauração!



Quem tiver olhos de ver e inteligência de entender, ou quem tiver a suficiente dose de honestidade mental, a fim de não desprezar a Verdade por causa dos tacanhismos sectários, certamente encontrará fartos testemunhos da Promessa Cumprida, nos capítulos um, dois, sete, dez e dezanove do Livro dos Atos. Ali está, ampla e fartamente exposto, o batismo de espírito e o seu cultivo pelo Colégio Apostolar. O mesmo repete, em grande fulgurança doutrinária, o Apóstolo dos Gentios, nos capítulos doze, treze e quatorze de sua Primeira Carta aos Coríntios.

O Pentecoste, o modelo das sessões espíritas, foi o marco fundamental entre as duas grandes eras da História Religiosa do Planeta. Antes, foi o tempo da Verdade Escondida; depois, está sendo o tempo da Verdade Exposta! Do Pentecoste em diante, onde quer que fôssem pregar os Apóstolos e co-Apóstolos, havia a eclosão mediúnica e a consequente comunicação dos espíritos. A Igreja Viva de Jesus, desde tantos séculos esperada, funcionava no mundo, embora perseguida de morte pelos amigos das trevas e das idolatrias!

E, tanto foi perseguida, que no quarto século encontrou em Roma o seu banimento de entre as gentes. Ali terminou a Igreja Viva, cujos fundamentos são a MORAL que dignifica, o AMOR que diviniza e a REVELAÇÃO que adverte, ilustra e consola.

Séculos de treva sucedem-se! Inquisições várias garantem o império tenebroso das idolatrias e dos despotismos comercialistas e sanguinários do mun-

do! Todos os crimes e tôdas as orgias são impostos em nome de Deus, da Verdade e do Cristo, numa demonstração hianete de blasfêmias caudalosas!

Surgem, porém, os dias de reposição das coisas no lugar; é Jesus quem determina, nos albôres do século quatorze, as premissas restauradoras. E o mundo viu que por êle passaram, tempos depois, vultos como Wicliff, João Huss, Joana D'Arc, Lutero, Giordano Bruno, Kardec, Denis, Delanne, etc. Lenta e seguramente, foram sendo repostas as coisas no lugar; de lance em lance atingiu-se o Novo Pentecoste, a grande eclosão mediúnica do século dezanove, de onde surtiu a Codificação, o A B C do batismo de espírito repostos no lugar.

Em voltando ao mundo a Doutrina Excelsa, com base na MORAL, no AMOR e na REVELAÇÃO, nossa memória focaliza a todos quantos antecederam ao Divino Molde, porque êles mesmos é que estiveram envolvendo aos que na carne, aqui e acolá, de um ou de outro modo, contribuíram para o renovo espiritual da Humanidade. Uma sempre foi a Chave da Verdade, para todos os Grandes Iniciados. Ela mesma, a Lei de Deus, era a Raiz Doutrinária dos Essênios, como o foi do Cristo Inconfundível, como deverá sê-lo de todos aquêles que se prezarem de ser Filhos da Luz! Como síntese de tôdas as Revelações, o Espiritismo assim proclama. Vide o livro intitulado: LEI, GRAÇA E VERDADE, e tudo entenderéis facilmente.

OSWALDO POLIDORO.

## Palmelo

Nos idos de 1900, existia, próxima à cidade de Santa Cruz, antiga Capital de Goiás, a Fazenda Palmela, pertencente a fidalgos portugueses.

Nessa época, junto ao ribeirão Caiapós, num ranchinho de sapé, os lavradores JOSINO CANDIDO BRANQUINHO, FRANCISCO DE PAULA SOUZA e ANTONIO DAMASIO, todos portadores de notável mediunidade curadora, começaram a realizar curas maravilhosas, sob a orientação de excelsos guias espirituais.

## A CIDADE ESPIRITUAL (Estado de Goiás)

Espalhada a notícia, começou um afluxo impressionante de doentes físicos e mentais ao rancho de BRANQUINHO e de seus companheiros.

Repontaram, então, num crescendo, em torno do ranchinho de sapé, inúmeros outros, criando-se, dessarte, um povoado de habitações rústicas.

Dada a afluência de doentes, resolveu BRANQUINHO montar uma pequena farmácia, para melhor atender à grande clientela.



Em derredor de BRANQUINHO e dos companheiros, surgiram outros de várias mediunidades, também humildes laboradores que passaram a colaborar com os precursores, cheios de ardente fé.

Êsses abnegados espíritos trabalhavam, durante o dia, em suas roças, e à noite, reuniam-se, no já famoso ranchinho de sapé onde, sob a graça de DEUS e orientação de espíritos de luz, realizavam curas, não obtidas em outras paragens.

Paralelamente à ação espiritual de BRANQUINHO e dos companheiros, surgiu, na cidade de Sacramento, em Minas Gerais, um moço de valor, e de cultura, por nome EURÍPEDES BARSANULFO, portador de raros dotes mediúnicos, estimado e respeitado, mercê de sua bondade, inteligência e saber, e sobretudo, pela ardente fé, nos postulados do Evangelho.

Em 1915, fundava BARSANULFO, em Sacramento, um Colégio, no qual, ao lado das matérias do Curso, professava-se, com ardor e sinceridade, o culto dos princípios evangelizadores.

Êsse apóstolo do bem, com o seu exemplo, dedicação e fé, orientado por espíritos de luz, criou excelentes discípulos, na prática espírita, e muitos desses, através os territórios goiano e mineiro, passaram a praticar e difundir a doutrina de CRISTO, realizando inúmeras curas.

EURÍPEDES BARSANULFO teve a sua dignificante e humana missão espiritual abreviada, na Terra, e assim, desencarnou aos 38 anos, moço ainda. Vive, porém, na memória e no culto dos discípulos, dos amigos e de quantos receberam benefícios de DEUS, através de sua alma de eleição e de sua predestinação.

Dentre múltiplas e merecidas homenagens póstumas, prestadas a EURÍPEDES BARSANULFO, destaca-se a de haver Palmelo dado o seu glorioso nome ao grande e humanitário Sanatório da cidade.

Exemplificando a admirável ação mediúnica e curadora de BRANQUINHO, citemos, dentre inúmeros, o seguinte caso: — «VALTER CARNEIRO DE CASTRO, nascido em Minas Gerais, residiu, alguns anos, em Goiânia, capital de Goiás, e de súbito, sentiu-se atacado, pelo terrível «penfigo foliaceo», conhecido por «fogo selvagem». Durante meses, sob cuidados médicos, VALTER CARNEIRO DE CASTRO lutou, desesperada e bravamente, contra a impiedosa moléstia. Da luta tenaz e sem tréguas, resultaram, apenas,

ligeiras melhoras que, de modo algum, correspondiam às esperanças de VALTER.

Orientado por DEUS, e sabedor das curas maravilhosas que se processavam, em Palmelo, VALTER rumbou para aquela Cidade; em pouco, experimentou sensíveis melhoras. Dentro em breve, com a graça de DEUS, e pelos cuidados que recebeu dos grandes médiuns de Palmelo, VALTER curou se completamente».

Médium nato, VALTER CARNEIRO DE CASTRO desenvolveu as suas faculdades, e hoje, trabalhando, com fé e dedicação, é um dos maiores colaboradores de Jeronimo Candido Gomide.

JERONIMO CANDIDO GOMIDE, filho de Minas Gerais, iniciou e terminou seus estudos, no famoso Colégio, fundado, em Sacramento, por Eurípedes Barsanulfo, onde, como discípulo diléto de Eurípedes, construiu e plasmou a sua formação cultural, moral e espiritual.

Anos após, sentindo se extenuado, pelos contínuos esforços dispendidos, no terreno físico e espiritual, JERONIMO GOMIDE resolveu formar uma Fazenda, próxima à atual cidade de Caldas Novas, no Estado de Goiás.

Estava a casa, pronta para receber a cobertura, quando, certo dia, JERONIMO notou que se aproximava um homem a cavalo.

Cumprimentando-o, disse-lhe o forasteiro: — «seu JEROME, meu patrão pede ao sinhô, pra vim inté a casa dele, pruquê o fio dele tá muinto duente, e o sinhô percisa curá ele».

Dirigiu-se JERONIMO imediatamente à casa do enfêrmo e, em breves dias, sob suas luzes espirituais, curava-o completamente. Múltiplas e variadas curas se sucederam, aureolando de grande prestígio a pessoa e o nome de JERONIMO.

A notícia propagou-se, pelas redondezas, e então, à Fazenda de JERONIMO, em romaria impressionante, começaram a afluir enfêrmos de tôda espécie, físicos e mentais, em busca desesperada de alívio e cura, para seus males.

A mata, circunjacente à casa da Fazenda, começou a ser derrubada, à revelia de JERONIMO, pelos romeiros, para construção de ranchos que os abrigassem, pois não desejavam afastar-se daquele homem bom e generoso que, com o poder de DEUS, curava as doenças do corpo e do espírito. Breve, circunscrevendo a casa da Fazenda, enxameavam ranchos de



todos os formatos, abrigando famílias inteiras.

A torrente de romeiros foi tamanha que, em pouco tempo, JERONIMO não tinha mais sossego, impossibilitado de alimentar-se ou repousar. Cansadíssimo, resolveu JERONIMO afastar-se, por algum tempo, e rumar a Palmelo onde se davam grandes curas espirituais, através da ação de Branquinho e de outros.

Irmanado com Branquinho e seus companheiros, iniciou JERONIMO a sua missão de cura, em Palmelo, trabalhando, infatigavelmente, dia e noite, no terreno material e espiritual, em prol dos necessitados e enfermos de toda a casta.

A esse tempo, o centro das curas se trasladou do humilde ranchinho de sapé, para uma modesta casa de tijolo e telha. Em seguida, JERONIMO, aproveitando um carpinteiro prático, incumbiu-o de traçar, com estética, o alinhamento das ruas da cidade. De fato, quem visitar Palmelo, admirar-se-á do impecável retilíneo das artérias.

JOSINO CANDIDO BRANQUINHO, após anos de lutas e renúncias, atingido por uma semi paralisia, passou a Jeronimo a direção dos trabalhos.

Dentro em breve, desencarnava BRANQUINHO, magno precursor das curas espirituais, em Palmelo, deixando, porém, a sua memória perpetuada, pelo muito que realizou, no ciclo de sua vida.

Pouco tempo depois, desencarnava FRANCISCO DE PAULA SOUZA, companheiro de Branquinho, e, como este, um dos grandes pioneiros das curas espirituais, em Palmelo.

ANTONIO DAMASIO, oriundo, também, do modesto e lendário ranchinho de sapé, é o único vivo, dos precursores, e continua a emprestar, com a mesma fé e dedicação, o seu indispensável e valioso concurso, seja, no âmbito do Centro Espírita de Palmelo, seja, em sua própria Fazenda.

Antes de focalizarmos a figura nobre e dinâmica de JERONIMO CANDIDO GOMIDE, abramos um parêntesis, para interpretar o nome atual de Palmelo, cidade espiritual, ao invés de Palmela, como originariamente foi denominada.

Se dividirmos o nome *Palmelo*, teremos, em duas palavras, *Pal* e *melo*. Ora, *Pal* é componente da palavra *Palma*, e *melo* é estrutural de *melodia*.

*Palma* é símbolo de vitória, e *melo*

(de melodia), sugere *canto*. Temos, então, o nome de PALMELO significando: — CANTO DA VITÓRIA.

Nasceu, portanto, Palmelo, essa cidade ímpar, na espiritualidade, sob uma grande e singular predestinação, e vive, debaixo da égide de DEUS e da proteção de MARIA MADALENA e dos componentes da FALANGE DE LUZ.

O Centro Espírita de Palmelo é, indiscutivelmente, o mais extraordinário de que há notícia, na espécie, em todo território nacional, e quiçá, em todos os Países.

JERONIMO CANDIDO GOMIDE é o seu presidente e diretor espiritual, orientando, em pessoa, as sessões, com dedicação, segurança e carinho.

A população de Palmelo, por espontaneidade e crença, frequenta, coopera e auxilia, material e espiritualmente, o Centro Espírita, guiada, pelos excelsos espíritos de MARIA MADALENA e da FALANGE DE LUZ.

Quando de nossa estada, na Cidade, verificamos, com extrema satisfação, a sinceridade e fé de quantos ali compartilham dos trabalhos de assistência e cura dos males físicos e mentais.

Em mãos de JERONIMO GOMIDE, vimos e lemos inúmeras cartas de todos os recantos do País, e muitas outras providas da Argentina, do Uruguai, do Paraguai, todas proclamando e encarecendo os enormes benefícios, prestados pelo Centro Espírita de Palmelo.

Focalizemos, agora, a figura marcante de JERONIMO CANDIDO GOMIDE.

Antigo colaborador e legítimo sucessor dos precursores Branquinho, Paula Souza e Damasio, JERONIMO GOMIDE, na direção e presidência do Centro Espírita, é, sem favor, o seu mais destacado obreiro. Agindo, como age, eleva e honra a humanidade, a Pátria e a si próprio. Conhecêmo-lo e admirâmo-lo, por justiça e afinidade espiritual.

No setor político-administrativo, JERONIMO GOMIDE, como Prefeito e condutor do povo de Palmelo, é o líder político do Distrito.

Em 1942, inaugurou o prédio do Centro Espírita, desde então, em pleno funcionamento, e, no ano de 1944, fundou e fez funcionar o Dispensário São Vicente de Paula, com capacidade, para abrigar 30 pessoas, de ambos os sexos, mantido, financeiramente, pelo povo.



Projetou, construiu e inaugurou, em 1955, o magnífico e bem instalado Sanatório Eurípedes Barsanulfo, em homenagem à memória desse grande missionário espírita, e destinado à cura de doentes físicos e mentais, com abrigo para 60 pessoas, homens e mulheres.

Em Outubro de 1954, realizaram-se, no Distrito e na Cidade, as primeiras eleições, para Prefeito, sendo eleito JERONIMO CANDIDO GOMIDE, por consagrada maioria, para o período de quatro anos.

Sob sua gestão, acham-se praticamente concluídos dois prédios confortáveis e modernos, ou sejam, o Grupo Escolar e o Ginásio, e bem assim o prédio do Matadouro Municipal, um dos melhoramentos vitais, para a população de Palmelo.

Cogita, ainda, o dinâmico Prefeito dotar de calçamento as ruas da Cidade, instalando, paralelamente, água, fôrça e luz.

Palmelo, elevada à categoria de Cidade, em 1953, possui, aproximadamente, três mil habitantes, não contando os que ali demoram, mais ou menos tempo, numa renovação ininterrupta de forasteiros,

visitantes ou doentes que demandam a singular Cidade, por vários motivos.

Além da principal rodovia que liga Palmelo a Pires do Rio, séde da Comarca, outras menos importantes, dali partem, em direção à cidade de Santa Cruz e próximas. A Cruzeiro do Sul mantém uma linha aérea, com areoporto, a meio caminho de Pires do Rio e Palmelo. A rota desses aviões é São Paulo-Goiânia-Belém.

Eis o que podemos dizer, sôbre Palmelo, essa Cidade invulgar, retratando-a, apenas, a largas pinceladas.

Diante do que vimos, admirámos e sentimos, profetizamos que Palmelo terá um futuro promissor, já no desenvolvimento e progresso urbanísticos, já no aprimoramento cultural e espiritual dos que ali vivem, lutam e produzem.

Os nossos sinceros aplausos e efusivos parabens ao Prefeito Jeronimo Gomide, ao povo de Palmelo, de Goiás e do Brasil.

Glória a DEUS!

Coronel IRAPUAM S. DE FREITAS.

São Paulo, 6 de Janeiro de 1958.

# Ramatís e a Ciência

## III

Prosseguindo na nossa série de trabalhos, colocando Ramatís frente a ciência, desta vez desejamos demonstrar que a entidade, na mesma forma em que não foi feliz nas suas explanações sôbre energia condensada e liberada, também revelou desconhecimentos ao cuidar do assunto sôbre as vibrações da luz, que sensibilizam nossa retina.

Naturalmente, não vamos aqui tecer comentários nos pontos das mensagens onde houve admissíveis descuidos, como aquêle da página n.º 242, da obra Mensagens do Astral, quando se pretendeu mencionar a frequência vibratória dos dois extremos da escala das côres visíveis, que vão do vermelho ao violeta.

Ali escreveu se: «Enquanto o homem se debate nas trevas, o gato enxerga no escuro, porque alcança menos de 16 vibrações por segundo; e a luz fraca para o ser humano, já é intensa pa-

ra o gato. No extremo da faixa vibratória da luz, o homem se ofusca (?) acima de 20.000 vibrações por segundo...» (O ponto interrogativo é nosso).

Nessa mensagem não houve erro, mas apenas lapso, possivelmente do autor comunicante, passando também despercebido pelos revisores.

Aquelas duas cifras; 16, e mais adiante 20.000, devem ser substituídas por 400.000.000.000.000 (quatrocentos trilhões) e 750.000.000.000.000 (setecentos e cinquenta trilhões), respectivamente, cujas vibrações por segundo representam as frequências dos dois extremos da escala das côres visíveis. Aquelas outras pertencem aos extremos da faixa do som, audível ao ser humano.

Contudo, que se reconheça tratar-se de um descuido, é lamentável não ter a entidade se saído bem em outros tópicos onde se cuidou dessa mesma ordem



das vibrações da luz, para que o próprio autor pudesse, ao se revelar conhecedor do assunto, neutralizar, ou pelo menos atenuar, êsse lapso, para que não se admitisse dúvidas contrárias. Por nós, que apenas desejamos aqui oferecer o reparo, consideramos desculpável o engano, estando essa parte fora dos nossos comentários analíticos.

Mas vejamos outras mensagens, do opúsculo *Magias de Redenção*, onde a entidade se mostra não estar mesmo segura nas questões vibratórias da luz, falseando em todos os pontos do assunto, faltando-lhe melhores informes nesse setor da ciência.

Ali, em certo tópico da página 21, lê-se: «De acôrdo com os principios da

cromosofia — ciência da côr — o vermelho é a tonalidade de MAIS INTENSA VIBRAÇÃO no plano fisico. Predomina indiscutivelmente sôbre qualquer outra côr e chamar-vos-a a atenção, destacando-se em qualquer ângulo da vida material».

Nóte bem o leitor que a entidade afirma ser a côr vermelha a de mais intensa vibração, predominando sôbre as outras côres. No entanto Ramatis inverteu a realidade, porque as vibrações do vermelho são as menos intensas na escala das côres.

Vamos apresentar aqui a frequência vibratória das côres fundamentais, cujas cifras indicativas, começando do extremo do vermelho, vão até o do violeta.

<i>Vermelho :</i>	<i>frequência de</i>	<i>400</i>	<i>trilhões de vibrações por segundo.</i>					
<i>Laranja :</i>	«	«	<i>500</i>	«	«	«	«	«
<i>Amarelo :</i>	«	«	<i>545</i>	«	«	«	«	«
<i>Verde :</i>	«	«	<i>600</i>	«	«	«	«	«
<i>Azul :</i>	«	«	<i>666</i>	«	«	«	«	«
<i>Anil :</i>	«	«	<i>714</i>	«	«	«	«	«
<i>Violeta :</i>	«	«	<i>750</i>	«	«	«	«	«

De fato, as vibrações do vermelho não deixam de ser bastante rápidas para os nossos sentidos; mas em relação aos movimentos vibratórios das demais côres elas são as mais lentas, portanto as menos intensas, conforme se vê na escala que estamos apresentando, contrariando assim as afirmativas da entidade.

Mas como se isso não bastasse, mais adiante nessa mesma mensagem lê-se o seguinte: «Essa côr fixa na retina humana, ANTES DE QUALQUER OUTRA, em virtude de suas vibrações rapidísimas».

Aquí, esta explanação apresenta-se em sentido dúbio, mas por qualquer modo que seja interpretada, houve contradição em ambas as formas. Assim, não se sabe se o autor comunicante quis dizer que as vibrações da côr vermelha sensibilizam nossa retina antes que qualquer outra, por se julgar que elas cortam o espaço mais céleres que as demais; ou se é que elas «fixam» na retina com predominância sôbre as outras, devido se julgar serem dotadas de maior frequência que as vibrações das demais côres.

Se aceitarmos o assunto pelo primeiro caso, Ramatis ali teria falseado

espeticularmente, pois tôdas vibrações de natureza eletro-magnéticas percorrem o espaço com a velocidade de 300.000 (tresentos mil) quilômetros por segundo, nenhuma predominando sôbre as outras, nessa vertiginosa corrida. Assim, será êrro palmar, o julgar maior celeridade no espaço para as vibrações vermelhas.

E se é que se desejou dizer que as vibrações dessa côr «ferem» a nossa retina antes que qualquer outra, por se julgar serem elas as de mais alta frequência, ou seja, as de mais rápidas vibrações entre as outras côres, aquí também a falha é contraditória de forma irremediável. Sim, porque as vibrações do vermelho, além de serem as mais lentas na escala das côres, e não as mais «rapidísimas», conforme já demonstramos acima, elas ainda são as menos sensíveis para a nossa retina.

O próprio raciocínio nos indica esta verdade, pois se não enxergamos as radiações infra-vermelhas, não se concebe que passaríamos a enxergar repentinamente as suas vizinhas vibrações do vermelho, quando os movimentos vibratórios de uma região vão passando para a outra seguinte gradualmente. Logo, se somos cegos para os raios infra-vermelhos, lógicamente, quando no início das



radiações seguintes, ainda somos relativamente «um tanto cegos» na nova fase vibratória inicial da côr vermelha, até que estas vibrações ganhem aumento de frequência. E se o aumento vibratório continua na ordem da escala, passaremos a enxergar melhor nas côres intermediárias do meio, para irmos perdendo o poder de visibilidade ao aproximarmos o outro extremo final do violeta, passando para a região dos raios ultra-violetas. Nesta fase já não enxergamos esta luz, cuja cegueira não se deve interpretar como ofuscamento à nossa visão, conforme julga Ramatis. (Veja onde colocamos o ponto de interrogação na primeira mensagem).

Como vemos, a entidade, apesar de seu esforço e boa vontade em ser útil, não está credenciada para tratar de assuntos relativos à ciência. Sem o mínimo cuidado se contradiz, fazendo apenas mistura de termos científicos, arbitrariamente, confundindo os leitores não afeitos a êsses assuntos, assim como os demais que não se atêm nessas particularidades.

Antes de encerrarmos esta parte vamos reproduzir aqui alguns informes mais recentes dos nossos pesquisadores, sobre as vibrações da luz, para demonstrarmos que estamos contestando apoiados nas experimentações da ciência.

Vejamos a obra *O Romance da Física*, 2.<sup>a</sup> edição de 1945, de autoria de G. Russel Harrison, prof. de Física do I. de Tecnologia de Massachusetts, E. U. A., onde se lê, na página 21, o seguinte: «Enviado ao olho iguais quantidades de energia sob a forma de luz vermelha, verde e das demais côres em sucessão, os cientistas concluíram que o olho médio vê a luz amarelo-esverdeada cinco vezes melhor que a vermelho-alaranjada, e sessenta vezes melhor que a luz violeta. Essa insensibilidade relativa a certas côres não constitui a chamada «cegueira das côres», porém, nós todos somos um tanto cegos quanto o azul e o vermelho».

Também, em excelente trabalho, publicado no Diário de S. Paulo de 31/3/1957, na seção *No Mundo da Ciência*, sob a responsabilidade do competente autor que se assina J. Reis, ali, onde revela informes sobre pesquisas das côres com aparelho Eletro-Retinogramas, pelo investigador Hartine, da Johns Hopkins, atualmente I. Rockefeller, lê-se o seguinte, em determinado trecho: «... o olho é mais sensível ao amarelo e ao amarelo-esverdeado, e menos, muito menos, ao vermelho.»

Esta declaração é fundamentada no resultado de minuciosas e recentes pesquisas de laboratório daquele Instituto, com o emprego de modernos amplificadores eletrônicos.

Nestas condições, ve-se facilmente que a côr vermelha para nossa visão não se acha no pedestal em que Ramatis procurou situá-la na escala das côres. Ela não é a de vibrações mais intensa, não sendo a que vibra com mais rapidez, e não é a que mais «fixa» na nossa retina, contraditando assim tôdas as afirmativas do pseudo cientificismo ramatisiano.

Embora êsse assunto não seja de conhecimento generalizado, no sentido popular, cujo motivo facilitou a aceitação dessa suposta ciência de Ramatis, acreditamos que a nossa exposição deixou a verdade bem esclarecida e acessível. Ciência, não se faz com jôgo de palavras adornadas com termos científicos. A verdade exige argumentos sólidos e claros, fundamentados nas leis de causa e efeito, onde a linguagem dos números é imprescindível.

E assim, mais uma vez, demonstramos a nulidade dos conceitos da entidade, no campo da ciência, e aqui, novamente, estaremos no próximo número desta revista.

V. O. Casella.

Caixa Postal 153 — Est. de S. Paulo  
Araraquara

**AVISO** — Avisamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude das férias regulamentares que vamos conceder ao pessoal das oficinas, a edição do próximo mês desta Revista, sairá juntamente com a edição de Maio.



## Ao saudoso João Leão Pitta

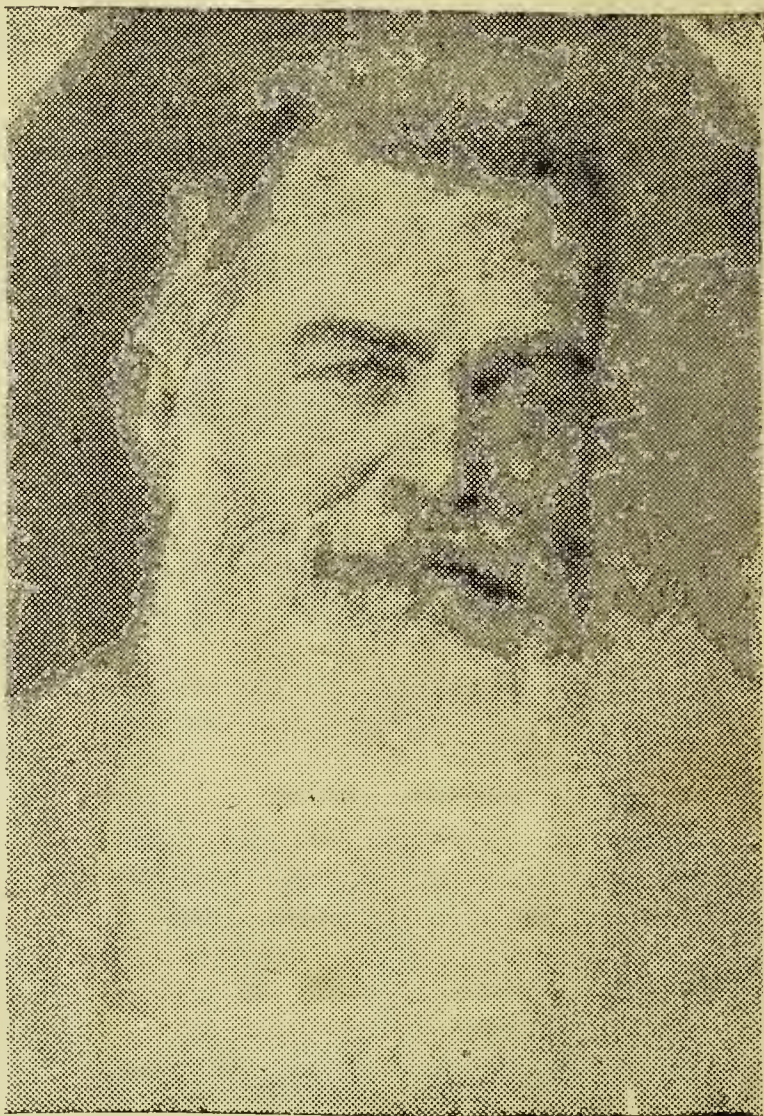
Receba, exemplar amigo, pelos seus valores morais, pelo Bem que fêz aos seus semelhantes, pelo amor e dedicação à santa causa do Cristianismo e do Espiritismo, a minha homenagem póstuma.

Como cristão e espírita convicto, como seu discípulo e genro, não podia deixar de registrar nesta oportunidade, pelas colunas de «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», arautos do Espiritismo no Brasil, o primeiro aniversário de seu desencarne, pois nesta mesma data, 11 de Fevereiro, faz aniversário a sua filha Eugênia, que é minha idolatrada esposa.

O seu caráter ímpoluto, a sua intransigência na defesa da verdade, o seu amor aos que sofrem, servirão de estímulo aos adeptos do Espiritismo.

O seu nome será sempre lembrado nas horas de aflições, como Espírito de Luz, e estamos convictos, de que continuará amparando os necessitados, consolando os aflitos e guiando os seguidores do Cristo, como fêz durante a missão na Terra, dando-nos exemplos valiosos de paciência e resignação, até os últimos instantes entre nós.

Ao receber êste abraço saudoso de seus amigos e parentes da Terra, simbolicamente enviados pe-



João Leão Pitta

las colunas desta Revista, venha visitar-nos e trazer os seus fluídos benéficos, para o nosso progresso espiritual, aumentando dêsse modo, cada vez mais, a sua Luz, que brilhará com as demais na espiritualidade!

KARDEC RANGEL VELLOSO.

Itanhaem, 11 de Fevereiro de 1958.

*Criaturas que viveis nas escuras célas do sofrimento: tende ânimo e paciência porque Deus em breve vos recompensará com a corôa da felicidade. Estudai o Espiritismo, e tereis a verdadeira fé, a que vos fará subjugar tôdas as provações.*

EURIPEDES.



# ÁLCOOL, êste Destruidor

Samuel Gomes da Costa

Estranho é que sabendo a humanidade do efeito maléfico e destruidor do álcool, não tenha ainda procurado evitar o seu uso excessivo, ou total, embora já tenha sido condenado pelos grandes reformadores religiosos e não menos legisladores dos antigos povos.

O álcool bebida, é condenado pela Religião, pela Filosofia, Ciência, Medicina, Higiêne e Moral. Mas tudo em vão.

A primeira prova que o noviço faz do álcool é tudo. Saboreia, gosta, repete e irresistivelmente vem o vício, arruinando-o.

Lemos diàriamente nos jornais e revistas, tanto nacionais como as provindas do exterior do país, notícias alarmantes sôbre pessoas que, embriagadas, cometem os mais variados, horrendos e deprimentes atos.

Uns, como condutores de veículos, se espedaçam num inevitável desastre matando-se e tirando vidas alheias.

Outros, sob o efeito terrível da bebida alcoólica, brigam com qualquer pessoa, desconsiderando amigos e parentes, arruinando, dest'arte, sua moral, visto que, em muitos casos, são recolhidos à polícia como alcoólatras, já por perder a confiança que lhes era dispensada, porque, uma pessoa que se alcooliza, não merece confiança de ninguém, perdendo-a completamente, por se tornar desequilibrada.

Quem ainda não ouviu estas palavras?

«Não posso dar emprêgo a fulano ou não posso fazer isto ou aquilo, porque êle, de vêz em quando, se embriaga!»

Ou esta triste verdade: «Fulano é um trapo humano, só vive embriagado!»

O efeito destruidor do álcool, atinge a todos, grandes e pequenos, ricos e pobres, analfabetos e literatos.

Êle destrói lares confortáveis e paupérrimos. Destrói personalidades, fabrica adultério, envenena a raça, envelhece prematuramente, produz o suicídio, a loucura e o crime, e gera a depravação. É o responsável direto e provocador de escândalos e mil outras coisas, enfim.

Ainda há pouco nos chega a noti-

cia por intermédio do «Daily News» que, em Hollywood, a atriz inglêsa Sarah Churchill, filha do Sir Wilston Churchill, «causou o mais sensacional escândalo», tomando não menos «sensacional piléque». Provocou com suas palavras «que ofendem o dicionário» um deprimente ato, agredindo policiais e tentando despir-se com cenas desagradáveis, ao ser posta dentro da prisão.

Levada à presença da autoridade policial, foi condenada a pagar uma multa de cinquenta dólares.

Já pensou o presado leitor a tristeza e o abatimento moral que sofreu, não a culpada, que no outro dia após a prisão por embriaguês, fêz o principal papel feminino num programa na televisão; não a vítima do álcool que naturalmente acha justificativa para seu gesto censurável e triste, — mas, para o grande Ministro Inglês, seu pai, que com tanto sacrifício galgou o alto pôsto no Parlamento Britânico.

Com que vergonha não deve ter recebido o grande Churchill, a notícia da prisão da filha, por embriaguês, reforçada com o escândalo taxado pela imprensa de sensacional?

Homem velho, vê sua filha destruindo sua personalidade, seu caráter íntegro, sua tradição de estadista, conhecido como é nos quatro cantos do mundo, como salvador da Inglaterra na última guerra.

É de entristecer sabermos de semelhantes notícias, além dos fatos a que, pessoalmente, assistimos e que não são divulgados.

É penoso tomarmos conhecimento dos grandes e desagradáveis dramas domésticos que se desenrolam, quase diàriamente na pátria do Cruzeiro e no mundo, tudo por causa da maldita bebida.

Do álcool, nenhum dos doze aparelhos de que é formado o corpo humano, escapa dos seus terríveis efeitos, atacando principalmente o cérebro, o aparelho digestivo, o respiratório, o circulatório e o secretório; mas, se o álcool, êste destruidor, atua, direta e indiretamente, e, se causa horrível efeito material, muito pior é o seu efeito espiritual.



Não raras vêzes, temos ouvido irmãos desencarnados, em verdadeiro estado de perturbação espiritual e que eram alcoólatras na sua última encarnação, se comunicarem nas sessões, sentindo as sensações do horrível tóxico, como se todavia estivessem no corpo de carne.

Tal foi o efeito maléfico do álcool, que êstes pobres irmãos, não podem se afastar dos meios inerentes às suas vibrações inferiores, ficando por muito tempo e assiduamente, em sintonia com os viciados, insinuando-os a, cada vez mais, descerem para o abismo imenso do alcoolismo e, quando saturados e desesperados de tanto sofrerem, então procuram um meio de libertarem-se do mal que os atormenta.

Poderei citar milhares de casos, nos quais o álcool é o fator principal e único nos seus terríveis e infelizes desfechos, tanto no setor material como espiritual, mas, limito-me a lançar um apêlo aos que apreciam o álcool «bebida» e dête fazer uso até se tornarem inconscientes e irres-

ponsáveis, para que procurem com tôdas as forças do seu eu, desvencilhar-se do vício, fazendo todo o sacrifício possível para tornarem-se homens limpos da bebida, afim de que mais tarde não sofram as tremendas e inevitáveis conseqüências do vício execrando.

Pelo amor próprio de cada um, pelo bem do seu próprio espírito e pelo bem de seus semelhantes, não façam do álcool um meio de distração, de afastamento de tristezas ou de regozijo por uma alegria inesperada, porque, infelizmente, para quem quer beber, sempre aparece um motivo forte para tal procedimento.

O álcool, êste destruidor, como tem sido condenado, deve ser abolido, para felicidade das humanidades, material e espiritual.

Paz.

*Caixa Postal 54 — Corumbá  
Mato Grosso.*

## A Continuidade da Vida depois da Morte

**F**ERIDO por profundo golpe com a morte de minha extremosa espôsa, foi com grande emoção que li, numa revista norte-americana, interessante artigo sôbre o título destas linhas, artigo êsse que serviu de conforto à minha dor, trazendo-me evocações saudosas.

Afirma o publicista que não resta a menor dúvida sôbre a validade da imortalidade. Acredita ainda com absoluta segurança, que, quando morre uma pessoa encontra aqueles que amou, que os reconhece e se reúne a êles para nunca mais se separarem.

Certo cientista declarou dogmáticamente: «Quando chega a morte, a vida do homem é apagada com um sôpro, como a chama de uma vela — tudo finda». Êsses que assim dizem, não sabem nem podem provar o que afirmam.

A morte não é o têrmo da vida. O último suspiro do moribundo é a chave que abre as portas da eternidade. Essa grande verdade não pode ser acreditada em virtude de provas e demonstrações e sim pela fé e pela intuição.

Proeminentes vultos são unânimes em afirmar a existência de uma vida nova depois da morte. Assim, Edison, o famoso inventor, tinha uma profunda crença de que a alma é uma entidade que deixa o corpo por ocasião da morte. Ao seu médico assistente disse no momento de expirar: «É muito bonito do lado de lá».

Uma enfermeira que viu muita gente morrer disse: «Muitos doentes, no momento da morte, manifestaram a impressão de terem visto alguma coisa e muitas vezes falavam em luz e músicas maravilhosas». Um fato do qual sou testemunha comprova esta verdade.

Quando a minha doce companheira de 51 anos de vida conjugal se achava em estado desesperador, veio o médico assistente visitá-la. Depois de a examinar retirou-se para receitar. Nessa ocasião, ouvi um gemido profundamente dorido. Corri para indagar dela a causa da sua dor. Não me respondeu, mas erguendo os olhos para mim exclamou: «Minha mãe! Minha mãe!» Observei-lhe que sua mãe já havia morrido há mui-



tos anos. A essas palavras ela redarguiu: «Minha Mãe do Céu!»

Alguns dias depois, justamente no dia de Nossa Senhora, conforme minha espôsa havia predito, exalava ela o derradeiro suspiro, depois de uma longa agonia.

Na Betânia, aldeiazinha próxima a Jerusalém, se encontra o túmulo de Lázaro, naquele mesmo local onde há 20 séculos Jesus disse à desolada família do

morto querido: «Aquele que crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá. E todo aquele que vive e crê em Mim, nunca morrerá».

Aquilo que parece ser a morte só o é na aparência. O fato real é a vida eterna.

Justino Rangel.

Transcrito do «O Eco», de Guaratinguetá, de 16/2/58.

# Sabia que era assim?

GENERAL LEVINO C. WISCHRAL



**B**EM AVENTURADO é o médium que, através de sua vidência, consegue afastar dores e sofrimentos alheios, sem se tornar vaidoso ou orgulhoso. Para êstes sinceros e honestos servos de Jesus, as causas das nossas dores são vistas às claras; não há mistérios para êles nem obstáculos intransponíveis, chegando os Céus, às vêzes, a intervir ativamente nos seus trabalhos, num anseio amplo de ajuda, permitindo até, em certas ocasiões, que lhes seja feita a revelação de uma ou mais vidas passadas da pessoa enfêrma ou sofredora que, com fé sincera, procura curar-se ou esclarecer-se através do Espiritismo.

Essas vidas transatas são vistas pelos médiuns videntes em forma de quadros por vêzes terríveis e asquerosos, como se êles assistissem a um film colorido, vivo, real, nítido e falante, passando o sensitivo, então, a enxergar e compreender, agora no presente, a razão do padecimento do consulente e o modo como se encadeou a Lei de Ação e Reação. A penetração no passado, pelo fenômeno conhecido por psicometria, é profunda, chegando a atingir, por exemplo, a quatrocentos, quinhentos ou mais anos atrás. Geralmente é focalizado nesses quadros o fato principal que deu causa ao tormento da pessoa que agora, como sempre acontece, procura a doutrina dos Espíritos como última tábuca de salvação. O remoto passado é pois revolvido e trazido às claras no momento atual, qual o resumo

de uma sindicância destinada a revelar o andamento em que se encontra o processo de resgate da dívida do paciente, contraída sempre pelo emprego anti-evangélico de nosso livre arbítrio.

Onde operam unicamente a boa vontade e o coração, é possível conhecerem-se verdades como as que foram reveladas em datas bem recentes, através dos fatos que passaremos a expôr.

Dona Isabel, pessoa humilde, resignada e crente, fôra visitada por um grupo de médiuns sem que, no entanto, fossem obtidos os resultados que ela esperava a respeito de seus sofrimentos. Era diabética, em grau avançado, além do que sentia-se flagelada da perna direita, que os cirurgiões eram compelidos a amputar parceladamente, à proporção que o tétano progredia. Dessa perna, totalmente ulcerada, exalava nauseabundo cheiro, característico de putrefato tétano em violenta progressão.

Num dos últimos passes aplicados a essa senhora, a médium Tina percebeu na aura da enfêrma uma formosa dama espanhola, rica e arrogante, além de cruel, vivendo seus últimos dias, ao que lhe pareceu, no ano 1766—coisa estranha—com a mesma fisionomia da enfêrma presente; era ela — não havia dúvidas! Achava-se de chibata em punho, enraivecida, a distribuir castigos corporais entre seus escravos e criados; nem os membros de sua família eram poupados à satânica fúria, pois se viam também justicados através de violentos pontapés, a pretexto de qualquer coisa. Sua infeliz mãesinha, velhinha



e doente, ao morrer massacrada pelos golpes cruéis da filha ingrata, rogara-lhe tremenda praga: «Tua perna há de apodrecer pela eternidade afora!...» Assim, as suas últimas três reencarnações haviam sido de extrema miséria, e sempre a morte a visitava, necrosando sua perna direita. A médium vidente, de imediato, discerniu todo o passado daquela senhora, relacionando a sua imensa desgraça atual com a sandice praticada por ela em séculos afastados. Aquele mesmo pé, que tantos castigos cruéis infligira, achava-se agora, mais uma vez, amputado, e a gangrena seguia seu curso normal, redimindo êrros e crimes daquela alma que, dias depois, ingressava de novo nos planos espirituais. Agora dona Isabel está de vestes claras, isentas das nódoas de sangue, purificada pela dor, que é o santo remédio de que se serve a Justiça Divina para com os relapsos do «amai-vos uns aos outros».

Outro caso é o de J. Anacleto, que procurou os trabalhos mediúnicos, apresentando-se recurvado pela dor reumática, apesar de moço que era. Contou-nos seu rosário de peregrinações pelos consultórios, câmaras de raio X, laboratórios, benzedeadas e passistas. Exausto e desiludido, mostrou amontoados de receitas e pilhas de chapas radiográficas em que se tentava descobrir a causa cujo efeito o moço sentia de modo continuado, na incômoda feição de agulhadas ou choques elétricos pelo corpo todo. Padecia horripelantemente, sem que ninguém pudesse aliviar os sofrimentos que se acentuavam nos seus músculos, articulações e tendões. Até o coração de Anacleto já funcionava com dificuldade.

Atendido pelo médium vidente Mateus, em momentâneo clarão psíquico foi o nosso paciente visto também com a mesma fisionomia, porém em uniforme de antigo soldado do Império Romano, desempenhando as funções de guarda pretoriano. Fôra, porém, um pretoriano malvado, que gostava de chicotear os infelizes que lhe caíam sob as garras, chegando a gozar com o choro e as lágrimas de suas infelizes vítimas. Naquele afastado tempo, em Roma, chamava-se N. Flavius Pussatti e hoje é o senhor J. Anacleto, categorizado do Fórum, que vem sentindo pelo corpo todo, sem cessar, as mesmas lambadas que com gosto sabia aplicar nas costas nuas dos inocentes romanos.

Parece-nos que a medicina pouco

ou nada poderá fazer pelo Anacleto, pois êsse é o seu «karma», que nada mais é do que a Lei de Causa e Efeito, a aplicar justiça e a exigir consêto das ações em desharmonia ou em desequilíbrio; e assim se comportará a Lei, até que tudo esteja em seu justo lugar.

A clarividência apresenta-nos agora outro interessante drama, mas mui doloroso, vivido intensamente, em princípio do século passado, por duas criaturas que se amavam com extremado amor. Em visão límpida e movimentada, apresentara-se ao vidente vetusta vila, lá nos confins de Minas Gerais, onde o mesmo pôde divisar Maria e Luiz, ambos infelizes morféticos. Amavam-se loucamente mas, devido à terrível enfermidade, não podiam se unir pelos laços oficiais do casamento. Com que tristeza olhavam outros casais a caminho da igreja!... E, quanto mais se amavam, tanto mais sofriam, chegando Luiz a sentir um tolo e inexplicável ciúme pela sua bem amada.

Êste foi o quadro visto há poucos meses atrás, ao redor da senhorita Marialva, que veio se socorrer dos passes de cura, para afastar estranha moléstia. Era jovem, bela e culta. Por três vêzes ficara noiva, sem que pudesse realizar o enlace nupcial. Tôda vez que se aproximava a data de seu casamento, era vítima de uma misteriosa e repentina erupção da pele, acompanhada de inchação, borbulhos e manchas. Os médicos, ao examinarem a jovem, pensavam logo em uma manifestação da lepra ou do fogo selvagem; contudo, as análises de laboratório apresentavam friamente resultado negativo. Não havia tratamento nem remédio que fizesse cessar semelhante anomalia. Por fim, levada a enferma à sessão espírita, depois de sinceras preces e súplicas a Jesus, foi afastado de junto de si o espírito de Luiz que, na incompreensão do seu estado, continuava minado pelo ciúme e, dessa maneira, passava a influenciar invisivelmente a sua querida Maria, hoje Marialva. Luiz, espírito, está agora cursando no espaço a Escola da Compreensão, enquanto Marialva, casada, feliz e plena de saúde, está em preparação ativa para receber em suas entranhas a Luiz, seu antigo namorado de Minas. Tudo se normalizou, graças a Deus!

Pelo caso acima relatado, verifica-se que, quando um espírito assedia uma pessoa, como no caso de Luiz, pode transmitir a ela, por indução, e até incons-



cientemente, todos os sintômas de sua antiga moléstia e, também, todos os seus sentimentos íntimos. Se Luiz houvesse morrido tuberculoso, naturalmente Marialva sentiria em si todos os sintômas desta enfermidade, mesmo que em seus pulmões nada encontrassem os médicos e nada revelasse a radiografia. Entretanto, se Luiz, no espaço, se sentisse alegre e feliz, certamente aconteceria o contrário, pois que transmitiria tais sentimentos à jovem que antigamente cortejara.

Há, como se vê, um contacto invi-

sível entre encarnados e desencarnados, do qual decorre uma influenciação entre ambos, que tanto pode nos favorecer como pode nos prejudicar, porque a vida é uma só, quer estejamos neste mundo, quer estejamos fora do corpo carnal.

Eis aí uma pequenina amostra do que se pode aprender no Espiritismo.

Sabia que era assim?

Bem-aventurados, portanto, os que procuram entender a doutrina de Allan Kardec e se esforçam por segui-la.

PAX

## Oração pronunciada no Centenário de «O Livro dos Espíritos» de Allan Kardec, na «União Espírita Regional de Paranavaí» — Est. do Paraná, pelo Dr. Sinval Reis, Juiz de Direito

Senhores e senhoras, meus caros amigos.

Que nossas primeiras palavras sejam de elevação e uma prece ao Senhor, pela infinita graça que nos concedeu, vivendo um pouco à sombra do grande facho de luz, aberto aos nossos dias, pelo infinitamente luminoso e bom Allan Kardec.

Dois vultos resplendentes de luz; cada qual em época, abrem à Humanidade novos caminhos para o alto, para o bem, para a caridade e para a religião: Jesus, vindo ao mundo numa época em que a brutalidade imperava, lutando contra os poderosos unicamente com a força de sua palavra e de sua fé, capaz de perdoar setenta vezes sete; abrindo o caminho da cristandade entre religiões pagãs e bárbaras, que só se mantinham graças à proteção do Estado e às suntuosas e principescas cerimônias exteriores, ao sacrifício de animais e seres humanos; Jesus, o meigo, o humilde e pobre carpinteiro, Aquêlê que veiu ao mundo em uma mangedoura, sacrificado duramente, atraído e crucificado, hoje é o único lembrado de sua época e adorado por todos nós, como aquêlê que deve ser imitado, aquêlê que mais deu, aquêlê que mais sofreu, que mais compreendeu, mais tolerou e mais perdoou. E o que resta de seus poderosos algozes? Sinão uma lembrança mal vista pela humanidade — mas compreendida e tolerada pelos espíritas. Judas Iscario-

tes, o grande traidor, ainda hoje é sacrificado, em efigie, por uma religião, que nos acusa de respeitá-lo e invocá-lo como espírito de luz, tal qual Jesus o é. Perdoai-lhes Senhor! Se vissem, em toda a comemoração da triste epopéia de Jerusalém, triste e magoado com a humanidade lhe atirar a primeira pedra?! Se percebessem que Jesus, magoado, se desvela por consolar o aflito, que o atraçou, chamando-o seu irmão na dôr, sofrendo pela intolerância dos irmãos terrenos, como poderiam continuar a manter com ódio essa humanidade, sabendo que «o ódio nada constrói; só o amôr constrói para a eternidade», na efigie de Judas Iscariotes?!

Vai longe nossa digressão. Decorridos 1804 anos nascia na França, em Lyon, um menino, que qual Jesus, viria revolucionar, com as armas do espírito, essa humanidade, que ia se encaminhando para a prática do paganismo, dos cultos exteriores pomposos e principescos; onde a riqueza era tudo; onde a posição social imperava; o humilde era impiedosamente esmagado; a religião só imperava exteriormente para fins de vantagens materiais; êste menino se chamava Hippolyte Leon Denizard Rivail, o nosso querido e bom mestre, Allan Kardec. O que dizemos de Allan Kardec que ainda não tenha sido dito? Como Jesus, êle veiu ao mundo, quando aquela mesma religião cristã, porque Jesus tanto lutou, já se ia tornando intoleran-



te; quando a humanidade, desesperada, descrente e sem fé, obrigada a aceitar um dogmatismo profundo em matéria religiosa, se curvava à descrença e à falta de fé; descerrou os olhos dos povos para a luz, para o porvir risonho, para a fé na eternidade; fez milhares e milhões de pessoas crerem que o espírito não morre, mas vive para a eternidade; se Deus não foi criado, porque é eterno, êle criou todo o espírito que, à sua semelhança, é eterno; é o que temos de comum com Deus: fomos criados por Êle, mas como Êle somos eternos.

Allan Kardec, como seu «Livro dos Espíritos», codificou, qual Bíblia dos espíritas, tôda uma doutrina filosófica, cristã, religiosa; desvendou tal senda de luz — hoje, decorridos 100 anos — nos tornamos, só no Brasil, em quasi 1.500.000 espíritas, constituindo a religião que mais cresceu, em tão pouco tempo; e sua doutrina, ou melhor, a doutrina ditada pelos Espíritos de Luz é tão pura que somos notados e atrozmente combatidos, como o eram os primeiros cristãos.

Que Deus se amerceie, meus caros irmãos, daqueles que nos combatem; que unamos os nossos pensamentos, tal qual Jesus, numa prece sempre fervorosa, para aquêles que querem reviver a Inquisição; que abramos os nossos corações a todos aquêles que nos maldizem, que nos combatem, que nos amaldiçoam; que abramos as nossas casas para as conferências dos que nos querem combater; a Doutrina da Luz vencerá as sombras do mal, naturalmente; sempre foi assim: Jesus, só pela força do seu espírito, venceu tôda brutalidade do Império Romano, que hoje todos esqueceram, tornando-se, desencarnado, mais vivo que nunca em nossos corações; e se destruíssem o nosso corpo, Êle continuaria a viver em nosso espírito, que, temos certeza, — tanta como a de nos encontrarmos aqui — é eterno. A 31 de Março de 1869 baixou ao túmulo o grande Allan Kardec; espiritualmente a sua grandeza se espraia qual faixa luminosa que abrange todo o Universo! E nessa data, Flamarion, o seu grande amigo, enaltecia Allan Kardec com o mais belo discurso que jamais se brindou qualquer ser vivo. Já Vitor Hugo dizia: «Quanto a nós não compreendemos nem o homem como ponto de partida, nem o progresso como fim, sem a

existência das duas forças motrizes: Crer e Amar. O progresso é o fim, o ideal é o tipo. Que é o ideal? Deus!» Baixado ao túmulo, assim encerrava Flamarion a sua oração fúnebre ao grande mestre: «Tomba o corpo, mas a alma permanece e retorna ao espaço. Encontrar-nos-emos num mundo melhor e no céu imenso onde usaremos de nossas mais preciosas faculdades, onde continuaremos os estudos para cujo desenvolvimento a Terra é teatro por demais acanhado... A imortalidade é a luz da vida, como êste réfulgente sol é a luz da natureza. Até à vista, meu caro Kardec, até à vista». E assim baixou o mestre à sepultura. E hoje, quando vemos a intolerância começar, de novo, levantar a sua cabeça, hoje que, contritos por essa dádiva divina — a religião espírita — que nos ensina a lei da tolerância, do amôr, da caridade, da compreensão; que antes de tudo — mesmo da prática da religião — nos diz que a religião se encontra em nossos corações; que num coração que tem ódio, não pode haver resquício, nem de religião, nem de fé, nem de Deus; que se batê continuamente para que melhoremos, cada dia, o nosso próprio Eu, dando, dando sempre, tudo, boas palavras, bens, carinho, amôr; que se tudo dermos tudo receberemos; o que poderemos responder àqueles que nos odeiam, que, ricos, usam da imprensa para nos espesinhar; usam-na para impedir, até, que venha a público um simples sêlo comemorativo; insuflam os cidadãos contra os nossos irmãos? Que Deus se apiede dêles, desde que, de forma alguma, lhes atiraremos a primeira pedra ou retribuirmos sua intolerância com o nosso ódio ou a nossa intolerância: antes, que nesta reunião, com os corações condoídos lhes dediquemos a nossa prece de encerramento, prece de piedade, de amôr, de fé na sua regeneração, na volta ao espírito de tolerância, que deve reinar entre tôdos. E enfim, que aqui fique a grande parábola: «Bateram à porta do Senhor pessoas bem vestidas, poderosas, cheias de pompa; e, triste e macambuzio, maltrapilho, descalço, um pobre judeu; perguntado a êste porque tanto se retraía, respondeu: «Não cri em Deus; jamais fiz uma oração; o tempo todo, cheio de trabalho — a ajudar uma criancinha, um aleijado, a curar um doente, a amparar uma pobre velhinha ido-



sa, desprezada e faminta, onde ó tempo para orar? E agora, sinto-me triste e humilde, incapaz de apresentar-me junto ao Senhor!» Disse o Senhor: «Venha aos meus braços, filho; você serviu ao Senhor cujo Reino é dos humildes e desamparados e daqueles que por êles olham; na sua obra — TÓDA UMA VIDA DEDICADA AO SENHOR, A VERDADEIRA E REAL ORAÇÃO».

E o pobre judeu, tornou-se o ESCOLHIDO DO SENHOR! Assim, aquêles que muito maldizem e falam — e dizem ORAR, com a intolerância elevada ao máximo.

Que Deus abençõe aos nossos irmãos, por terem ouvido, pacientemente, essa insípida e deficiente oração do mais humilde servo do Senhor!

Paranavai, 18 de Abril de 1957.

## Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado de Barros)

### CAPÍTULO XXIX

1 — Apesar de convencido do Espiritismo (embora ainda não convertido), e de meus quatro preparatórios, continuava a pensar na literatura. Aproximava-me sempre, e mais, do Petitinga que, por sua vez, se mudara da rua Carlos Gomes para Quitandinha do Capim.

2 — Arranjei de tal jeito as coisas que consegui encontrar um casarão na rua dos Perdões, perto do Petitinga.

3 — Era um prazer descer, diariamente, com o José Petitinga, de pé, até ao bairro comercial, conversando sobre Espiritismo e literatura. Fazia assim, sem o sentir, cultura espírita e literária, mas a família não se acomodara no casarão velho dos Perdões. Ademais, precisava dar melhor séde ao *Colégio Olavo Bilac*.

4 — Mudei-me, então, para a rua Maciel de Baixo, n.º vinte e um, segundo andar, onde instalei, definitivamente, o meu colégio, de vez que o dr. Antonio de Assis Coelho Borges, que me arrastara a fundá-lo, deixou-me sozinho, achando-se sem queda para o magistério.

5 — Sozinho, à frente do «Olavo Bilac», dediquei-me mais a êle e ao magistério.

6 — Faleceu, nesta ocasião, um irmão da mamãe, José Rodrigues Machado. Seus dois filhos, Obidúlia e Domingos, vieram morar conosco.

7 — O rapaz morreu um ano depois, sem que o nosso médico, dr. Waldemar Rocha, recém-diplomado, descobrisse o mal que o vitimou. Providenciou para que seu tio, dr. Aurélio Vianna, as-

sinasse o atestado de óbito, pois não queria começar sua carreira assinando óbitos...

8 — Disse, atrás, que assumira a direção da casa e da família, ainda muito moço, embora fôsse o mais jovem dos três filhos e tivesse pai vivo. Aos dezoito anos, pois, tamanha responsabilidade tomara espontaneamente.

9 — À frente do meu coleginho vinha ganhando o necessário para as despesas indispensáveis da casa, mas eu sempre desejei dar um conforto melhor a minha mãe.

10 — A sua figura de santa e heroína, inclinada sobre a máquina, dos meus dias da infância (amargurada e dura), já-mais me saía do pensamento...

11 — Creio que foi ao influxo de seus exemplos que eu aprendi a ser honesto, honrado. Foi sentindo a grandeza de seus sacrifícios que eu, depois de rapaz, tolerava, dificilmente, meu pai. Quando ouvia suas asperezas com minha mãe, vinha-me, com maior amargura, aquêles quadro doloroso da minha infância: aquela figura digna e honrada, mal nutrida, mal vestida, mal assistida, ao veio da máquina que largava, muitas vezes, para deitar-se de bruços, quando o estômago lhe doía de fome. Quantas vezes enganava os filhos, dizendo já haver almoçado, para que êles comessem o pouco que havia!...

Já era eu, o menor dos três, naquela época, que corria a preparar-lhe (arranjando, em muitas ocasiões, com a vizinhança), um remédio ou alimento para aliviar-lhe as dôres...

12 — Tudo aquilo me vinha à me-



mória quando ouvia, repito, as brutalidades de meu pai... E fazia-o calar, com a autoridade de chefe da família, com energia! E nunca pude esquecer, inteiramente, os sofrimentos que êle nos acarretou, por causa dela... Tivéssemos sido somente os filhos as vítimas de sua irresponsabilidade e ingratidão, cêdo eu teria esquecido tudo...

13 - Procurava, no entanto, tratar sempre, com respeito, o velho. Não insultasse minha mãe e nunca o desrespeitaria. A esta altura, êle nada fazia, a não ser a leitura de sua Bíblia. Lia-a quase o dia inteiro. Dono de privilegiada memória, sabia-a quase tôda de cór.

14 - Com sua admirável memória, era um livro aberto sôbre genealogia de família... Lembrava, com ênfase, os onze combates em que tomara parte, na Guerra do Paraguai, recrutado que fôra pelo Norte. E era um prazer ouví-lo falar sôbre a Guerra. Ademais, falava bem. Jamais deixara o hábito de ler. Era uma prosa agradabilíssima.

15 - Pouco mudara. Conservava o seu entusiasmo pelo militarismo, continuava a não descobrir virtude alguma na mulher...

16 - Entretanto, nenhum filho seu vestiu farda... Quando se punha a falar sôbre os inúmeros defeitos que encontrava na mulher, começavam as nossas discussões seríssimas e êle nunca levava a melhor. Apesar de nossa desafinação, quando me viu declamar, pela primeira vez, abraçou-me chorando de emoção, beijando-me efusivamente...

17 - Até hoje, a minha amargurada infância não me sai da lembrança e se, aquí volto, a falar sôbre ela é para assinalar quanto sofre uma família em consequência dos erros de seu chefe, embora se trate de erros pretéritos, carecedores de reparação...

18 - Nossa vida na casa da rua do Maciel continuava no mesmo ritmo. Eu, a frente de meu coleginho; João, no cargo de fiel das Docas do Porto; Mamãe, nos seus misteres caseiros; Obidúlia, a prima, auxiliava minha mãe e costurava para seus alfinetes; Papai, dormindo, comendo, lendo a Bíblia e aborrecendo minha mãe quando eu não estava; minha irmãzinha estudava comigo, aprendendo tudo com muita facilidade; José, cada vez mais arrastado pelo jôgo. Apesar do res-

peito que me tinha, não abandonava a jogatina, nem as más companhias... Passei a tratá-lo com indiferença, a não mais soltar os bolsos para suas necessidades, na esperança de consertá-lo... Tudo debalde... Jamais tomou juízo...

19 - A esta altura, tínhamos conseguido uma empregadinha, a Epifânia, para auxiliar mamãe e a prima, pois a casa era enorme e tínhamos o movimento dos alunos.

20 - Tivemos, nessa ocasião, a visita da viúva de José Rodrigues, irmão de mamãe, madrasta da Obidúlia. Veiu com seus dois filhos, Fernando e Sebastião, que passaram a ser meus alunos. Indispuerá-se com seus parentes e viera para nossa casa espaiar um pouco.

21 - Conosco ficaram não sei quanto tempo. Jamais aceitei contribuição sua, por se tratar de uma viúva pobre, com filhos. Ademais, era também nossa prima, filha do nosso tio José Ramos Machado, alma grande que muita fome nos mitigara na infeliz meninice...

22 - A vida continuava, mais ou menos, igual. João noivara com uma moça de família abastada, que conhecera na vizinhança, quando morávamos nos Perdões. A ninguém de casa participou o facto. Só a mim a quem, apesar de mais velho, respeitava seriamente. Calado e esquisitão, só comigo conversava.

23 - Um ano depois da morte de meu primo Domingos, morreu meu pai. A amizade do dr. Waldemar Rocha faltou-me nessa hora. Apelei para a clínica do dr. Carlos Lopes. Só chegou a fazer uma visita ao velho. Morreu, a mão esquerda agarrada a minha direita, dedos entrecruzados... Pouco antes, havia dito à espôsa, incansável no seu tratamento, durante os três dias que estive de cama: «Marôta, você não é mulher. Você é uma santa».

24 - Não teve grandes agonias, nem grandes sofrimentos. Não teve dôres. Em três dias, adoeceu e morreu. Creio que só durante seus três últimos dias na Terra, vislumbrou virtudes na mulher; só então aquilatou a grandiosidade do coração da espôsa que tivera... Só então mediu, talvez, o grau de honestidade e virtudes que a sustentaram durante a longa *viacrucis* de que fôra êle o grande responsável...

25 - Coisas da vida... Diante das asperezas constantes que meu pai infligia



a mamãe, eu já, com dificuldade, o tolerava. Ela, na sua nobreza rara, ímpar, dizia-me constantemente, quando eu me excedia: «Leopoldo, deixe o velho. Êle é um infeliz. Sobretudo, nunca se esqueça de que êle é seu pai». Coisas da vida, repito: na hora em que sentiu a morte se aproximar, foi a mão dêste filho que êle procurou, de vêz que os outros, comodistas, jamais lhe fizeram a frente que eu fazia, nas suas investidas insensatas contra a espôsa...

26 — E foi por extrema veneração à

mãe santa e digna que tive nesta existência, que, nas minhas literatices, preferi, sempre, o *Machado* que me veio dela ao *Barbosa* que herdei de meu pai...

27 — E minha irmã-filha transferiu aos seus quatro filhos, meus quatro sobrinhos-netos, o mesmo *Machado* materno, ao invés do *Barbosa* paterno, explicando, na sua gratidão fraterna-filial, fazê-lo por mamãe e por nós, de vêz que somos, por êsses Brasís afóra, muito mais conhecidos por Leopoldo Machado.

## || E Agora, Senhores Teólogos ?... ||

(Palestra Radiofônica em «Seleções Espiritualistas» — Rádio Guanabara).

Alguns teólogos, católicos e protestantes, costumam negar, sistematicamente, a comunicação dos espíritos, quando certos fatos ocorrem no meio espírita. Ainda há poucos meses, por exemplo, chegou-me às mãos, com alguns trechos marcados a letra vermelha, um folheto intitulado «O Espiritismo Analisado», e de autoria de um pastor protestante, norte-americano. Por sinal, o teólogo protestante não entrou ou não pôde entrar pròpriamente na análise do Espiritismo: o que êle fez foi apenas negar a realidade dos fenômenos, como os outros negam, e propôr algumas hipóteses, aliás muito inseguras, para explicar os fenômenos sem a presença de espíritos do outro mundo. Nada mais.

É interessante notar que, enquanto alguns teólogos, sacerdotes e pastores, negam os fatos espíritos, embora não possam negar manifestações de espíritos, levitação, deslocamento de objetos e outros fenômenos no seio das comunidades religiosas, — enquanto isto acontece — aparecem depoimentos curiosíssimos, em favor dos fenômenos, e depoimentos oriundos das fileiras religiosas. Vejamos bem o contraste. Há pouco tempo, como acabei de dizer, mandaram-me um folheto, no qual um pastor protestante, professor de teologia, afirmava categoricamente a impossibilidade da manifestação dos espíritos. As sessões espíritas, portanto, seriam pura falsidade, na opinião do pastor e de seus fiéis discípulos, ou seriam coisas do *demônio*... Agora, porém, (e

naturalmente alguns dos estimados ouvintes já leram a revista «Seleções», de dezembro último), vem um pastor protestante, o reverendo Norman Pearle, dos Estados Unidos, e declara, com toda convicção, que «Além da morte há vida». Fâ-lo com base em fatos que êle mesmo verificara. É um depoimento imparcial e, sobretudo, consciencioso. Diz êle, e diz muito bem, que as provas, isto é, a evidência dos fatos e os testemunhos «indicam a verdade das promessas das Escrituras». Isto quer dizer, portanto, que os fatos últimamente observados lhe deram a certeza de que a vida continua após o túmulo. Muitos fenômenos estão na Bíblia, como em diversos documentos antigos, notadamente na literatura religiosa.

O Espiritismo veio interpretar e explicar êsses fatos, sem o sentido impróprio de *milagres*, mas à luz de um critério científico mais compatível com o desenvolvimento da inteligência do homem, no estado atual da humanidade. Os fatos existem, estão na Bíblia, como estão relatados em muitas outras fontes históricas, mas os teólogos geralmente dão interpretações contrárias ao Espiritismo. Seja como fôr, não se pode destruir a prova do fato, porque é universal. A história do pastor, contada na revista «Seleções», é realmente uma história honesta, porque êle próprio confessa que, ao receber a notícia da morte de sua mãe, recolhera-se ao gabinete, pon-do a mão sôbre a sua Bíblia, e sentiu,



diretamente, a presença da «morta», minutos depois. Não foi alucinação, e quem o diz é o pastor, pois o espírito veio e pôs as duas mãos sobre a cabeça do filho. Então, diante desta prova, o pastor já agora, pode dizer com tóda convicção: *Eu sei que ela vive e que viverá para sempre.* Fatos desta natureza existem diversos, nos anais do Espiritismo. O caso de Lombroso, o grande psiquiatra, o criador da Antropologia criminal, é um dos fatos mais conhecidos na literatura espírita; Lombroso chegou a ver, com os seus «próprios olhos», a materialização do espírito de sua própria mãe. Êle, que fôra à sessão mediúnica, com o propósito de desmascarar o médium, que era Eusápia Paladino, teve a coragem de dizer que, diante disto, se rendia à força do fato. Quando isto acontece do lado de cá, isto é, no meio espírita, os teólogos, protestantes e católicos, dizem logo: *se não é mistificação, o que é muito provável, é coisa do diabo...* E agora, no caso da manifestação direta da mãe do pastor norte-americano, é o dia-

bo? é mistificação? Claro que não... Trata-se de um pastor, e um pastor não pode mentir, um pastor não é um indivíduo perturbado, e por isso não pode ser vítima de alucinação. Se fôsse um espírita, se o fato se passasse em sessão espírita, alguns colegas do reverendo já teriam dito, como costumam dizer: *isso é pura alucinação ou é arte diabólica, porque satanás tem muitas manhas, muita astúcia.* Acontece que o fato, agora, ocorreu do lado lá, no meio protestante, é um pastor quem o revela francamente. A lei é a mesma, seja no meio protestante, seja na Igreja, seja nas sessões espíritas. O que é preciso é afastar o preconceito religioso, é vencer o espírito de intolerância e abrir os olhos para procurar a luz ou preparar o espírito para receber a verdade, venha de onde vier, porque a verdade está acima das seitas e das prevenções. E é a verdade que nos salvará, como disse o Cristo.

Deolindo Amorim.

## ↓ Considerações da Ética Social ↓

G. M. Minardi — da API

**N**ÃO se resolvem problemas, sejam êles de ordem biológica quer social, se não forem enfrentados com pureza de espírito, lealdade e coragem. O homem não se libertará nunca ignorando as consequências de suas ações; infelizmente cada um nós, no meio de tanto progresso, continua a andar mudo dentro de si, sorridente sobre a máscara da cortezia para ocultar o fardo de penas secretas, persistindo, teimosamente, no erro de uma vida tóda errada, alimentando ingenuamente a pretensão de violar e modificar impunemente as leis universais das causas e efeitos, na quimérica ilusão de tudo saber e tudo fraudar, ri-se das reações, considerando o seu semelhante caído como um fracassado da vida, em lugar de lhe estender a mão afim de que também lhe seja estendida quando por sua vez vier a cair.

Não se neutraliza um efeito senão reconduzindo-o, invertido, à sua causa, para que aí encontre a sua compensação.

Estamos, infelizmente, observando que a míope mentalidade moderna limita-se ao simples jôgo da defesa imediata contra uma força que sempre retorna; emprega nisso um continuo e exaustivo esforço, procurando expulsá-la, em lugar de absorver-lhe a potência e exauri-la, e, para não ver, ebria-se no gôzo, incrementando, inconscientemente, novos êrros. A verdade, por quanto dura, aparece clara à mentalidade odierna humana, na sua miséria moral e material, resume-se, em última análise, na festa do próprio ventre e na vitória conseguida por qualquer meio, geralmente maquiavélico.

Necessita portanto chegar ao aperfeiçoamento moral, ressubir *sinceramente* à Fonte Divina, reconstruir sobre sólidos fundamentos do amor a frágil vida



individual e coletiva; é necessário então conceber o mundo não como um fim ao próprio EU, mas sim como um meio à própria existência no âmbito coletivo, é necessário enfim, aprender, ascender na arte do saber sofrer — «dize-me como sabes sofrer e eu te direi quem és».

O supremo ideal humano não é aquela mesquinha figura do herói da força bruta que violenta e vence, mas sim o lutador da bondade que perdôa e ajuda ao seu semelhante, que assalta somente as forças biológicas e as submete, lutador da justiça, dono de si mesmo para o bem coletivo, generoso e honesto incapaz de prostituir a sua consciência todos os dias por uma efêmera quanto traiçoeira vantagem imediata. E assim a luta continua a passar sem descanso do campo individual ao setor social, onde se articulam as massas dos povos no andar flutuante de um sistema de desmo-

ralização e de pessimismo. No campo social perdeu-se a ordem e o respeito às autoridades, as quais somente cabe, em plena responsabilidade, a própria função de dirigir: no campo moral desvirtuou-se o conceito da honestidade, retidão de motivações e de ações.

A desigualdade das riquezas e das posições sociais NÃO é, como erroneamente se acredita, ou se faz acreditar, INJUSTIÇA, mas sim uma diversa distribuição dos diferentes encargos por especialização de tipo individuais.

Temos porém que superar, em um esforço individual e coletivo, todos os exclusivismos preconcebidos que decorrem de interesse de casta, de raça e de nações com profundo senso de retidão, de vontade decidida de melhorar-se para poder assim aspirar ao verdadeiro progresso do indivíduo e das coletividades sejam elas nacionais quer universal.

## Medicina e Moral

Notando-se a facilidade com que os homens se irritam diante das mínimas coisas, esgotando preciosas energias em pensamentos e sentimentos desordenados que se expressam em palavras e gestos insensatos, cremos que os médicos lutam muito para acertar a sombra de árvores tortas.

O bonde atrasou, porque houve um acidente com um caminhão em sua frente. O tráfego está interrompido por alguns minutos. A quase totalidade dos passageiros demonstram sua irritação por meio de contrações faciais e palavras coléricas. Mas tudo isso não melhora, ao contrário, agrava a situação. Os mais exaltados gritam, insultam, praguejam.

Afinal, o caminho fica livre e o bonde recomeça sua marcha; mas um motorista imprudente atravessa em rapidez pela frente do nosso veículo e o motorneiro é forçado a uma parada brusca, para evitar um desastre. Mereceria louvores, porque salvou uma vida; mas nós sofremos um abalo e novamente se irritam, gritam, ameaçam, insultam.

Chega a um ponto de parada, mas uma senhora não pode descer, porque há um ônibus parado no lugar por onde teria ela que passar. Nova irritação contra

o motorneiro que deveria ter previsto essa dificuldade.

Chegamos à oficina com alguns minutos de atraso e o ponto já está encerrado. Nova irritação, protestos, cólera, brigas.

Esses homens irritados da manhã à noite, ao chegarem em casa ofendem a esposa e a levam igualmente à irritação: discussões, ofensas recíprocas, jantar envenenado, sono perturbado, para recomeçar um dia de novos aborrecimentos e irritações em casa, na condução, no emprêgo.

Como seria possível conservar a saúde do corpo governado por uma alma tão agitada? Manifestam-se as doenças, o médico é consultado e inicia seu tratamento, mas o doente continua dia e noite a trabalhar contra o tratamento e impedir que o curem.

O farmacêutico lhe dá drogas para o corpo, mas uma força muito maior, em sua alma, luta em favor da doença por meio de pensamentos e emoções violentas, quase tôdas sem nenhum motivo justificável.

Doença, fraqueza, trabalhos imperfeitos, desemprego, pobreza, miséria, crimes, novos tormentos...



É um encadeado infinito de males pequenos e grandes que na aparência terminam com a morte, mas realmente prosseguem depois da morte, e recomeçam em outra encarnação.

Não precisamos tanto de medicina como de moral. O moralista nos é mais necessário do que o médico. Temos mais necessidade de moral do que do pão de cada dia.

Quando aprendermos a pensar e a sentir amorosamente, harmoniosamente, grande parte de nossas doenças desaparecerão por si mesmas, porque não as engendramos.

O primeiro passo é aprendermos a pensar serenamente, a considerar com lógica nossas atitudes mentais, para sabermos perdoar tudo, amar a tudo, nos não aborrecermos nunca.

A Faculdade de Medicina precisa de um curso superior de moral, de harmonia mental.

Temos que reunir o Médico com o Sacerdote, provisoriamente, até que o Médico possa desaparecer, deixando-nos apenas e para sempre o Sacerdote.

Ismael Gomes Braga.

## Crônica Estrangeira

### Meninos-Prodígios em França

De «*Estudos Psíquicos*»

Podíamos crer que os gênios que brilharam noutros séculos, voltaram a reencarnar na nossa época, tão rica em meninos-prodígios, e a quem *Estudos Psíquicos* se tem referido largamente.

Nos últimos tempos, a Itália deu ao Mundo os maestros Pierino Gamba, Roberto Benzi e Gianella di Marco; os Estados Unidos, os cientistas Bobley Gordon, que se formou em Ciências com 11 anos de idade, e aos 5 já conhecia todas as constelações e mais de trezentas estrelas. Vem a seguir Brian Van Dale, que os sábios esperam venha a ser um futuro Einstein.

O gênio da França não podia deixar de fulgurar nos meninos-prodígios, e, assim, Claude Renard, com 13 anos, é já uma figura de relevo na Ópera Francêsa, como tenor maravilhoso. Thierry Vaubougoin é pintor de mérito apenas com 10 anos, pois o mais insignificante dos seus quadros vale 50.000 francos.

André Fournier, de 16 anos, escreveu uma peça teatral e obteve o 1.º prêmio num concurso de arte dramática, em que participaram numerosos concorrentes, todos de maior idade.

O autor dramático mais novo da França é Martine Toussaint-Samat, de 9 anos.

A rádio francêsa tem também o seu

menino-prodígio, que é igualmente astro de cinema. Chama-se Rodolfo e a crítica já o considera grande artista.

Mas a última novidade no gênero foi-nos anunciada pelo *Figaro* e pela revista de Paris, *Match*, de Novembro de 1955, com a sugestiva epigrafe: «Uma criança genial».

Trata-se de Minou Drouet, de 7 anos e meio, que é considerada em França como vedeta da atualidade e de quem o conhecido editor Juliard publicou em Setembro passado os seus versos, anunciando que tinha nascido um Mozart poeta!



### Salva a vida de célebre aviadora por Mensagem Espírita

A história do modo por que foi salva a sua vida por uma dramática mensagem espírita, foi narrada por um renomado piloto francês.

A aviadora é a Senhora Adrienne Bolland, uma hóspede de honra, juntamente com Lord Dowding, num jantar em Paris para comemorar o *Congresso Espírita Internacional*.

Falando como alguém que «deve tudo ao Espiritismo», ela disse que o melhor meio de exprimir sua gratidão pelo inesperado auxílio espírita, era narrar a história notável.

O começo foi na primavera de 1921,



quando os aeroplanos não podiam voar nas alturas que hoje atingem.

Um famoso construtor de aeroplanos lhe dissera, talvez à maneira de gracejo: «se a senhora realmente pretender algo de excepcional, deveria tentar voar sobre os Andes». Ela respondeu: «Porque não?»

Poucos meses depois, ela estava na Argentina com um avião que, no máximo, podia atingir a altura de 4.200 metros.

### Visitada por pessoa desconhecida

Os cumes da Cordilheira dos Andes elevam-se a mais de 4.200 metros. Lá só existem alguns lugares em que a montanha desce a menos de 4.200 metros. O risco de um desastre era mais que evidente. Todos tentaram dissuadi-la, porém ela resolveu partir imediatamente.

A aviadora estava arrumando seus objetos no quarto do hotel, antes de tomar o trem para o campo de aviação. A porta estava fechada. Ela dera ordens para que ninguém a interrompesse.

Alguém bateu na porta, julgou tratar-se da empregada, mas entrou uma mulher desconhecida.

A Snr.<sup>a</sup> Bolland disse à mulher, «A senhora não precisa avisar-me que vou quebrar minha cabeça». A visitante respondeu: «Não, a senhora está errada. Eu quero dizer-lhe o contrário. A senhora vai passar através das Cordilheiras, mas somente se fizer o que lhe vou aconselhar».

A aviadora pensou que a visitante estava doída. Então esta disse: «a senhora voará sobre o meio das Cordilheiras. Olhe para baixo e verá um lago. Notará apresentar a forma de uma ostra.

«A senhora estará perdida se...»

«Então estará no fundo de um vale que se dirige para à direita. Se a senhora voar para a direita, estará perdida. Deve ir para a esquerda.

«Lá as montanhas estarão acima da senhora, não poderá sobrevoá-las, mas deve prosseguir até ver uma montanha cuja forma se assemelha ao espaldar de uma cadeira, invertida. Dirija-se para aquela montanha. A senhora encontrará a passagem.»

Ela entregou á aviadora um pequeno objeto semelhante a uma caixa de sabonete e disse. «Ponha-o junto a si.» Para satisfazer a visitante a aviadora colocou-o em sua bolsa.

No campo de aviação, ela disse aos amigos preocupados: «Não se aflijam eu obtive algumas informações sensacionais» Isto foi dito com ar de gracejo porque ela não tomou a sério a estranha história da sua visitante. A Sra. Bolland começou a voar, sem mapa, compasso ou qualquer informação metereológica.

Voando sobre um lago ela, de súbito, viu que o mesmo se assemelhava a uma ostra. Então, naturalmente se lembrou da história da mulher. Estava no fundo de um vale, que se dirigia para o lado direito. Assim, ela resolveu rumar para o lado esquerdo, e logo encontrou a montanha parecida com o espaldar de uma cadeira invertida:

### «Diga-lhe isto!»

A seu lado estava a passagem, fácil de atravessar pela qual seguiu, voou para baixo, rumo à planície do Chile e logo atingiu Santiago.

De volta à Argentina a Snra. Bolland foi procurar a visitante, agradecendo-lhe e também perguntou.

«Porque a senhora me disse tudo aquilo».

«Eu estava repetindo uma história», foi a resposta: «Eu assistia a uma sessão espírita. De súbito o médium disse que tinha uma comunicação para Adrienne Bolland e perguntou se algum presente falava a língua francesa».

«Como meu pai fôra francês, e eu sabia falar essa língua tão bem quanto o hespanhol, eu recebi a mensagem. Aprendi-a de cór, porque eles me disseram: «não vá lá com um pedaço de papel, ela não gostará disso». E eles acrescentaram, «diga-lhe que...!»

A senhora Bolland terminou: «Sem o auxilio daquela mulher — e eu que pensei que ela estava louca —, certamente eu aqui não estaria esta noite, porque tenho a certeza que eu TERIA VOADO PARA O LADO DIREITO.

«Two Worlds», Setembro, 14/1957.





# ESPIRITISMO NO BRASIL

## A II Exposição do Livro Espírita em São Paulo

Conforme foi amplamente anunciada, realizou-se nesta Capital, na Galeria «Prestes Maia», de 4 a 15 de Janeiro p. f. a II Exposição do Livro Espírita.

Sua montagem esteve a cargo da União da Mocidade Espírita de S. Paulo (UMESP), que contou com a colaboração de diversas Mocidades Espíritas da Capital.

Como os leitores devem estar lembrados, a I Exposição do Livro Espírita foi realizada em 1955, da qual demos notícias através destas mesmas colunas.

Esta II Exposição foi executada nos moldes da I<sup>a</sup>, porém bastante melhorada na montagem.

Além das obras, algumas raríssimas e em diversos idiomas, montadas em stands especialmente confeccionados, havia também fotografias de obras assistências espíritas da Capital e do interior, artisticamente colocadas em cartolinas coloridas que deram à Exposição um aspecto festivo e atraente.

Essas fotografias, comparando com as da I Exposição foram em número diminuto, pois naquela só o Paraná concorreu com grande quantidade, sendo também em maior número as enviadas do interior do nosso Estado.

Porém, pelo que foi nos dado observar vemos que o Espiritismo progride dia a dia, tanto na parte experimental, doutrinária, como também na parte assistencial.

Os oradores da II Exposição do Livro Espírita foram diversos, todos brilhantes em suas palestras. Por exemplo: Altivo Ferreira dissertou sobre o tema «A influência do Espiritismo no futuro equilíbrio político e econômico do mundo».

Disse o orador entre outras coisas instrutivas e interessantes, que todos os movimentos de ordem social e econômica quando surgiram no planeta já tinham sido antes ventilados pelos Espíritos na magistral obra «O Livro dos Espíritos», coordenado por Allan Kardec.

Para nós o orador é mesmo «altivo»

em tudo: no nome, na estatura, nos conhecimentos e no coração.

Outro orador, o snr. João Teixeira de Paula falou sobre Imprensa Espírita

Aprendemos muita coisa interessante com o snr. Teixeira de Paula. Ficamos sabendo que desde a Codificação já se publicaram mais de 500 órgãos espíritas no mundo, sendo que 269 se não nos enganamos coube ao Brasil. O primeiro órgão espírita publicado em nossa terra data de 1869.

Também ficamos conhecendo o menor e o maior órgão espírita do mundo: aquêlé é um boletim de 4 páginas de 18 x 15 cents. mais ou menos, e êste um jornal de grande formato com diversas páginas.

Há também a melhor revista Espírita do mundo, na confecção, bem entendido. Esta primazia cabe a Ilustração Espírita, publicada nesta Capital.

O orador do dia 12 foi o Dr. Jaime Monteiro de Barros que discorreu sobre Principais Funções Sociais do Espiritismo. Jaime Monteiro de Barros nessa palestra extravasou todos os bons sentimentos de seu boníssimo coração, comovendo-nos e comovendo-se. E quanta coisa sublime aprendemos com êle.

A palestra de encerramento proferiu-a o jornalista Herculano Pires sobre o tema: «O Livro Espírita — Seus aspectos principais e sua adulteração».

Disse o Herculano Pires não gostar do termo — adulteração. Mas frizou ser necessário, pois nesta época em que a confusão está lavrando em tudo, até mesmo nos meios espíritas, é preciso unirmos em torno da codificação kardeciana, pois de tempos a tempos aparecem doutrinas exquisitas, tendo como instrumento de expansão o livro, mas adulterados em seus conteúdos, algo fantásticos, que outra coisa não fazem a não ser dispersar os espíritas.

E o Herculano discorreu ainda por muito tempo sobre o assunto, prendendo a atenção da grande assistência que superlotou a Galeria «Prestes Maia», encerrando assim com chave de ouro o ciclo de palestras da II Exposição do Livro Espírita.

Olimpio F. Silva.



## Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. \$ 340.976.00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina.

## Conselho Federativo Nacional

*Órgão da Federação Espírita Brasileira*

Súmula da Ata da Reunião realizada em 1 de Fevereiro de 1958.

Às catorze horas o presidente do Conselho profere a prece inicial e declara abertos os trabalhos. Apresenta o novo representante da Federação Espírita do Maranhão, Sr. Clóvis Pereira Ramos, ao qual empossa, declarando muito esperar de sua lealdade e esforço a prol da Doutrina. É lida e aprovada a ata da reunião anterior. O Conselheiro Carlos Jordão da Silva justifica a sua ausência através de um telegrama.

O Conselho aprova unânimemente a seguinte proposição:

«Para que se processe normalmente a Unificação do Espiritismo em todo território brasileiro, resolve o Conselho apelar para tôdas as Sociedades de âmbito estadual, a fim de que incentivem a adesão das associações espiritistas municipais e distritais de seus Estados, desde que seus Estatutos e processos de trabalho não colidam com o estatuído pelos «Preceitos Gerais», aprovados em 1953 pelo Conselho Federativo Nacional».

*Santa Catarina*—O Conselheiro Manoel Bernardino lê comunicação da Federação Espírita Catarinense comunicando ter sido reconhecida como de Utilidade Pública, bem como a filiação das entidades «Sociedade Espírita Ranchinho dos Trabalhadores do Espaço» e «Associação de Proteção à Infância», ambas de Florianópolis. Apresenta também a manifesta-

ção de um voto de inteira solidariedade e reconhecimento à Federação Espírita Brasileira e ao Conselho Federativo Nacional, pelos inestimáveis serviços que vem prestando ao Espiritismo em todo o Brasil.

*Maranhão* — O Conselheiro Clóvis Ramos comunica que a Federação Espírita Maranhense já tem o seu Departamento de Mocidade e noticia o decesso do fundador daquela Federação, Sr. Basílio Cabral, para o Espírito do qual solicita um voto de saudade.

*Pernambuco* — O Conselheiro Joaquim da Costa Villaça comunica a filiação da Instituição Espírita «Igreja do Caminho», de Recife, à Federação Espírita Pernambucana.

*Minas Gerais* — O Conselheiro Dr. Miranda Ludolf apresenta ao Conselho, em nome da União Espírita Mineira, uma proposição, cuja leitura é feita e cujo exame ficou para a próxima reunião.

*Paraíba* — O Conselheiro Indalácio Mendes comunica que a Federação Paraibana manifestou seu inteiro apóio à resolução do Conselho, adotada em 7 de Dezembro de 1957, com referência à convocação de congressos espiritistas.

Feita a prece pelo Representante da Federação Paranaense, encerra o Presidente a reunião precisamente às dezesseis horas.

## O que vai pela XI Concentração

Muitas Mocidades têm nos escrito hipotecando o seu apóio no setor de divulgação do Conclave. Outras afirmam-nos apresentarão Trabalhos Doutrinários, mas não poderão se fazer representar, por estarem, umas nascendo, outras se reorganizando.

Respeitemos a opinião. Entretanto, as Mocidades que se encontram nessas circunstâncias — organização e reorganização — é que precisam fazer o possível e o impossível para que se façam representar ao menos por um elemento.

O contato com alguns líderes do movimento de jovens, será remédio salutar que poderá curar chagas profundas das organizações antigas e imunizá-las, preservando também as Mocidades novas.

Com êsse aprende-se a estudar; com







## **Espiritismo e Protestantismo**

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.<sup>a</sup> edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço, cr.\$26,00, inclusive porte e registro.

## **“Gênesis da Alma”**

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.<sup>a</sup> edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de todas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr. \$ 20,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.



## Interpretação Sintética do Apocalipse

*Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.<sup>a</sup> edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancial, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.*

*E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.*

*— A' venda na Livraria «O Clarim».*

*Preço : cr.\$ 20,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.*

---

## O DIABO E A IGREJA Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.<sup>a</sup> edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. \$ 20,00, inclusive porte e registro.







# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: *A. Watson Campêlo*

Redator: *Italo Ferreira*

Redação e Administração  
**MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL**

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

## PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.\$ 90,00
Sêmostre	—	„ „	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	150,00
Semestre	—	„ „	75,00

**NUMERO AVULSO CR. \$ 8,50**

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente  
**A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira**

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro







